



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

OTÁVIO PIMENTEL NETTO

Anos de chumbo: a construção de uma memória.

Natal/RN

2010

OTÁVIO PIMENTEL NETTO

Anos de chumbo: a construção de uma memória.

Monografia apresentada ao curso de História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, em 2010.1 como requisito para graduação de Licenciatura e Bacharelado em História.

Orientador:

Professor Durval Muniz de Albuquerque Jr.

Natal/RN
2010

AGRADECIMENTOS

À Deus pela vida e por tudo que acontece nela.

À minha mãe, por acreditar sempre, por sua contribuição moral e intelectual na minha vida e por seu amor que não há igual nesse mundo.

À meu pai pela força, pelo amor e pela dedicação.

À Bruna por seu carinho, amor, força e alegria.

Aos meus irmãos pelos momentos de companheirismo e confidências.

À Lázaro pelo incentivo e confiança.

Ao professor Durval Muniz de Albuquerque Jr., por sua amizade, paciência e por sua orientação nesse trabalho e ao longo do curso.

À professora Francisca Aurinete Girão Barreto da Silva pelos vários auxílios.

E a todos os meus amigos por me proporcionarem momentos de felicidade.

A todos os que de alguma forma
contribuíram para a minha
trajetória universitária.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	6
1. IDAS E VINDAS DA DÉCADA DE 1960 NO BRASIL	11
2. JORNALISMO, SEQÜESTRO E EXÍLIO	20
2.1 O que é isso, companheiro?	20
2.2 Nos dias atuais...	36
3. DE JOHN KENNEDY A <i>CHE</i> GUEVARA	38
3.1 Os carbonários	38
3.2 Quarenta anos depois...	46
CONSIDERAÇÕES FINAIS	55
FONTES E BIBLIOGRAFIA	57

INTRODUÇÃO

A década de 1960 foi palco de várias mudanças políticas e sociais no Brasil e na América Latina como um todo. As lutas revolucionárias surgiam em vários países latino-americanos devido, principalmente, ao sucesso da esquerda em Cuba. Estes movimentos, em sua grande maioria, espelhavam-se em experiências de outras nações onde conseguiram êxito. O Partido Comunista da China e o Partido Comunista da União Soviética davam suporte e apoio a estes conflitos.

No Brasil, a crise político-institucional se acentua com a renúncia do Presidente Jânio Quadros em 1961, agravando-se ainda mais na administração do seu vice, João Goulart, com a radicalização populista do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), de várias organizações de esquerda e com a reação da direita conservadora. “Jango subiu à Presidência da República no meio de uma tempestade que prenunciava outras ainda mais furiosas. Desde a década de 1930 a industrialização e o populismo caminharam juntos, potenciando-se reciprocamente. Sua atuação combinada mudou a face do País, porém chegava o momento em que as contradições acumuladas em trinta anos não tinham saída viável nos quadros do regime político liberal inaugurado pela Constituição de 1946” (GORENDER, 1987:15). João Goulart tenta a mobilização das massas trabalhadoras em torno das reformas de base, que alterariam as relações sociais e econômicas no país. Os anos de 1962, 1963 e 1964 são caracterizados pelo rápido crescimento das lutas populares, quando Goulart consegue através de um plebiscito a aceleração da luta por reformas estruturais e derruba o parlamentarismo objetivado pelos militares. Estudantes, organizações populares e trabalhadores ganharam espaço, causando a preocupação das classes conservadoras. Esta posição leva o empresariado, parte da Igreja Católica, os oficiais militares e os partidos de oposição ao seu governo, liderados pela União Democrática Nacional (UDN) e o Partido Social Democrático (PSD), a denúncia da preparação de um golpe comunista com a participação do presidente João Goulart, além de sua culpa pela carestia e pelo desabastecimento. No dia 13 de março de 1964, o governo promove grande comício em frente da estação ferroviária Central do Brasil, no Rio de Janeiro, em favor das reformas de base, através das quais Jango prometia mudanças radicais na estrutura agrária, econômica e educacional do país. Os conservadores reagem com uma manifestação em São Paulo, a Marcha da Família com Deus pela Liberdade em 19 de março que reuniu milhares de pessoas pelas ruas do centro da cidade de São Paulo. A tensão cresce. No dia 31 de

março, tropas saídas de Minas Gerais e São Paulo avançam sobre o Rio de Janeiro, onde o governo federal conta com o apoio de setores importantes da oficialidade e das Forças Armadas. Para evitar a guerra civil, Goulart abandona o país e refugia-se no Uruguai.

“Em 1º de Abril de 1964, é vitoriosa a ação golpista, praticamente sem resistência. Era evidente que todo aquele movimento nacionalista e popular, estruturado em bases essencialmente legais, não tinha condições de enfrentar a força das armas. A gestação da influencia dos interesses estrangeiros, principalmente dos EUA e da classe média dominante chega ao final e o Brasil entra numa fase de profundas transformações” (BRASIL: NUNCA MAIS, 1995: 59).

Com a vitória dos golpistas tem início a corrida da esquerda brasileira aos esconderijos. A busca pelos abrigos improvisados foi a primeira providência tomada por aqueles que sabiam que seriam perseguidos pelos militares.

Os vencedores não esperam o tempo passar para começarem a desorganizar as instituições em que se apoiavam a Frente de Mobilização Popular. Os sindicatos caem sob intervenção, as ligas camponesas são desmobilizadas e a sede da União Nacional dos Estudantes é incendiada.

“Cassações de direitos políticos, iniciadas com o primeiro Ato Institucional, inquéritos policial-militares e processos administrativos expurgam das Forças Armadas e do serviço público civil mais de dez mil pessoas. Não havia lugar para os milhares de presos e foi preciso encarcerar uma parte deles em navios-presídio, no Rio e em Santos. Torturas e assassinatos deram início ao terrorismo de Estado” (GORENDER, 1987: 70).

Tal fato não fez com que a esquerda acabasse, houve é verdade, grande diminuição no número de ativistas e militantes, pois muitos destes tomaram o caminho do exílio, outros suspenderam suas atividades momentaneamente, mas a grande maioria continuou a atividade, desta vez, de forma clandestina e buscou a rearticulação das lideranças. O sentimento de vingança era o que imperava naquele momento.

Em outubro 1965 veio o Ato Institucional número dois que extingue todos os partidos políticos e restringe o Congresso ao bipartidarismo, reinicia os processos de cassações de direitos políticos e deixa por serem julgados em tribunais militares, os civis acusados de crimes contra a segurança nacional.

O ano de 1968 chega e a ditadura militar no Brasil se fecha completamente com a chegada do Ato Institucional de número cinco dando poderes absolutos ao regime e tendo como primeira consequência o fechamento do Congresso Nacional por quase um ano, a decretação do recesso dos senadores, deputados e vereadores, a legalização da

forma de governo por decreto-lei, suspendendo a possibilidade de qualquer reunião de cunho político, endurece a censura instituindo dessa vez a censura prévia e acaba com o habeas corpus para os chamados crimes políticos entre outras medidas, somando-se ao outros atos previamente instaurados.

Com estas medidas arbitrárias tem início um período de caça as bruxas no território brasileiro onde a liberdade de expressão e os direitos políticos foram totalmente roubados. A esquerda passa a ser o principal alvo das investidas militares e se instaura um período de terror e de repressão contra todos os que fossem contrários ao governo golpista.

É o tempo do medo, das fugas, dos “aparelhos”, das prisões, das torturas, dos “desaparecimentos” e das mortes. A esquerda política sofre sua maior repressão e tem também o maior número de militantes e ativistas perdidos de toda a história nacional.

A base teórica dessa pesquisa se posiciona dentro de uma tradição da história cultural, buscando entender como se constrói a identidade do indivíduo com seus documentos, especificamente ao produzir suas memórias. A apropriação, a prática e a representação do estudo da História e Memória nas idéias de Jaques Le Goff emprestaram os conceitos e os pressupostos norteadores dessa investigação. Contudo, escolhemos metodologicamente um caminho no qual se faz uma abordagem hermenêutica de interpretação da escrita auto-referencial, produzida em circunstâncias específicas; não nos afastando do fenômeno enquanto força ordenadora de apreensão do real e constituído no discurso que se faz do personagem que é criado por aquele que faz seu documento. Ao produzir suas memórias, uma pessoa tem um objetivo implícito de buscar atender as suas expectativas e interesses como afirma Jaques Le Goff por se tratar de uma construção do homem. Desta forma ao escrever as memórias de um período tão marcante de sua vida, a pessoa o faz com uma dada intenção. Através deste estudo poderei encontrar a relação existente entre a escrita auto-referencial do indivíduo moderno e seus documentos que se mostra tão presente como fruto do individualismo característico deste período. Memória e identidades que são construções que trazem elementos individuais ou coletivos. Desta forma, como ensina Jaques Le Goff, a memória que acaba por alimentar a História procura desta forma salvar aquilo que aconteceu no passado por expectativas futuras

A memória no sentido primeiro da expressão é a presença do passado. Le Goff, ao afirmar que o documento é uma construção, implica exatamente sobre a produção da memória escrita, isto porque ao escrever estas, o indivíduo cria o seu

documento e ao fazer isto, reconstrói o passado atendendo a interesses. Quando o indivíduo passa a relatar suas memórias ele o faz de maneira seletiva. “A memória, onde cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e o futuro.”(LE GOFF, 1994, p.477) No capítulo *Memória* de sua obra “História e Memória”, Jaques Le Goff ainda afirma: “A memória é um elemento essencial do que se costuma chamar *identidade*, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia.” LE GOFF, 1994, p.476)

Buscamos também, para fins de interpretação, considerar o lugar social dos atores históricos que produzem as memórias além do contexto histórico em que estes se inserem. Porém, não deixando de lado a condição de homens de seu tempo e tão pouco conferindo força decisiva a vontade de se construir uma imagem de seu íntimo sobre a construção da escrita de si. O que de fato pretendemos foi manter uma postura interpretativa mediadora entre o discurso do sujeito que fala enquanto homem de seu tempo, o seu lugar social que ele ocupa e a conjuntura específica de produção de suas memórias. Nesse sentido, percebemos a importância e nos utilizamos das idéias de Ângela de Castro Gomes em: *Escrita de Si, Escrita da História* como instrumento norteador de nossas interpretações sobre a escrita auto-referencial, seja para aceitarmos ou refutarmos enquanto possibilidade interpretativa da fonte dessa pesquisa.

Ângela de Castro Gomes em, “Escrita de si, escrita da História”, mostra a importância do estudo da escrita auto-referencial, deixando clara a existência da relação que se estabelece entre o indivíduo moderno e seus documentos. O indivíduo moderno passar a criar para si uma identidade própria através de seus documentos e de suas memórias escritas. Mesmo que esta prática de escrever sobre a própria vida seja praticada desde muito tempo, tal significação passa a ganhar uma nova conotação a partir do individualismo fruto do homem moderno.

Neste ensaio monográfico analiso como estes militantes políticos da esquerda brasileira apresentam suas vidas durante a clandestinidade do período ditatorial militar em memórias escritas e publicadas posteriormente buscando perceber que imagens de si, que identidades estes elaboram para seus nomes a partir do passado de militantes políticos e de guerrilheiros em confronto com a ordem implantada no pós-1964. Escolhi as memórias escritas de Fernando Gabeira em seu livro “O que é isso companheiro?” publicado em 1979 e as de Alfredo Sirkis em “Os carbonários” publicado em 1980. Como fontes para a produção do trabalho, utilizarei além dos dois livros já citados, os

livros “Combate nas Trevas” de Jacob Gorender, “Escrita de si, escrita da história” com organização de Angela de Castro Gomes, “Brasil: nunca mais”, resultado do projeto de pesquisa Brasil: Nunca mais e a obra “Tiradentes, um presídio da ditadura: Memórias de presos políticos” organizado por Alípio Freire, Izaías Almada e J. A. de Granville Ponce, os livros Ditadura Envergonhada e a Ditadura Escancarada de Élio Gaspari e a obra de Jacques Le Goff, História e Memória como fontes de referência além de uma bibliografia secundária.

Dividimos então, essa pesquisa monográfica nos seguintes e intitulados capítulos:

1. IDAS E VINDAS DA DÉCADA DE 1960 NO BRASIL – no qual se faz um estudo sobre as transformações político-sociais que sofreu o Brasil com o golpe civil-militar de 1964 onde abordamos desde o período em que João Goulart assume a presidência após a renúncia de Jânio Quadros em 1961 até a promulgação do AI-5 em 1968.
2. JORNALISMO, SEQÜESTRO E EXÍLIO – fazemos neste capítulo uma leitura crítica dos escritos publicados por Fernando Gabeira sobre o período em que atuou como militante da uma organização clandestina da esquerda brasileira após o golpe de 1964, participando de ações armadas culminando com sua prisão e saída para o exílio, contraponto suas idéias presente no livro *O que é isso, companheiro?* com seu pensamento atual.
3. DE JOHN KENNEDY A CHE GUEVARA – onde analisamos as memórias escritas por Alfredo Sirkis sobre o período do golpe civil-militar de 1964 no Brasil em que participou ativamente como membro de uma organização clandestina de esquerda (VPR) aderindo à luta armada em oposição ao governo golpista fazendo uma comparação com suas idéias atuais e sua visão sobre as experiências que viveu no período narrado no livro *Os carbonários*.

1. IDAS E VINDAS DA DÉCADA DE 1960 NO BRASIL

Aos 45 anos, o presidente João Goulart assumira o poder em meio a uma turbulenta situação. Era o vice-presidente em 1961 quando Jânio Quadros renunciara e foi vetado pelos ministros militares. Vem assumir, depois de longos embates e uma verdadeira crise em que o país se viu muito perto de uma guerra civil, após aceitar submeter-se a condição de se criar um regime parlamentarista onde a principal intenção era a de que Jango ocupasse a presidência desde que não lhe fosse entregue o poder.

Jango, contando com principais influências de sua força política a máquina da previdência social e as alianças com a esquerda no poder dos sindicatos, consegue recuperar seus privilégios presidenciais em janeiro 1963 graças a um plebiscito onde 9,5 milhões votaram contra o parlamentarismo e apenas dois milhões votaram a favor do regime.

De acordo com Elio Gaspari¹, em outubro do mesmo ano o Presidente da República, João Goulart, tentara um golpe e via-se abandonado pela esquerda ao tentar que o congresso decretasse o estado de sítio. “No mínimo, deporiam os governadores de São Paulo e Guanabara. No máximo, deporiam também o governador esquerdista Miguel Arraes, de Pernambuco”². “Seu “dispositivo” fora tão longe que planejava o seqüestro, por uma tropa pára-queda, do governador carioca Carlos Lacerda. Por ordem do ministro da Guerra, Lacerda seria capturado por uma patrulha, durante uma visita matutina ao hospital Miguel Couto. Deu tudo errado. O coronel escalado para a operação pediu ordens escritas. O general encarregado da operação procurou dois outros oficiais da Bahia, mas ambos adotaram a mesma postura dos anteriores. Quando conseguiu um coronel disposto a fazer o serviço, Lacerda já tinha partido. Desamparado, Jango submeteu-se à humilhação de retirar o projeto que remetera à Câmara.”³

A questão da reforma agrária se tornava cada vez mais distante de ter um fim. Apesar dos esforços do PSD, não havia entendimento que gerasse um resultado real. Em março de 1963 é aprovado pelo Congresso um projeto que já havia sido rejeitado em 1957 ficando por sete anos em espera para então ser aceito. Tratava-se do Estatuto do Trabalhador Rural que tratava de estender aos trabalhadores assalariados rurais alguns

¹ GASPARI, 2002.

² Depoimento de Darcy Ribeiro, em Dênis de Moraes, A esquerda e o golpe de 64, p. 139

³ Gaspari, Elio. A ditadura envergonhada – São Paulo: Companhia das Letras, 2002, p. 47

direitos que já vigoravam há muito tempo para os assalariados urbanos, mas não tratavam das relações de propriedade.

Depois desta manobra desastrosa Goulart aumenta a crise em seu governo que chega ao estopim quando anuncia em 13 de março de 1964 num grande comício que iria apoiar as reformas de base assinando dois decretos. O primeiro tratava-se de desapropriar as terras ociosas as margens das rodovias e açudes federais. O segundo tratava-se rescindir o contrato de concessão e tomar posse das refinarias particulares de petróleo. À esta crescente crise, somava-se o declínio econômico do Estado. Os investimentos estrangeiros caíram pela metade, a inflação crescera 25% em um ano, os meses iniciais de 1964 deram projeção de uma taxa de 140%, que seria a maior do século, as greves duplicaram e o governo acumulara um déficit de 504 bilhões de cruzeiro.

No mês de janeiro do mesmo ano, corriam boatos de que Jango planejava reformar a Constituição à fim de pleitear a reeleição que era vedada pela Carta de 1946. Tal fato fica claro no depoimento dado por Luiz Carlos Prestes à TV Tupi de São Paulo em dia 3 do mencionado mês onde este ainda deixava implícito seu apoio a manobra Janguista: “O próprio presidente João Goulart pode pretender ser candidato. Talvez mesmo, o candidato do presidente Goulart à presidência da república seja ele mesmo. Não sei como pretende chegar lá. Será através de uma reforma constitucional? Pode ser, não? Reformar a Constituição para permitir a reeleição”. Como todos sabiam que o Congresso não aprovaria tal emenda Prestes continuou com o seguinte: Poderíamos concordar com a dissolução do Congresso se houvesse um governo que desse as necessárias garantias democráticas a todas as forças patrióticas e democráticas e assegurasse eleições livres para uma Assembléia Constituinte. [...] Uma Assembléia muito mais avançada que esse Congresso, que não reflete a opinião pública do nosso país”⁴.

No mesmo período explode a maior crise militar do governo de Jango depois que o então ministro da Marinha manda prender 12 graduados sob a acusação de transformar uma simples associação de Marinheiros e Fuzileiros Navais num órgão sindical e sob a égide do Partido Comunista. Deste enlace saem humilhados os oficiais da Marinha, o ministro da marinha se demitirá e Jango nomeia para o cargo o almirante

⁴ Suplemento especial de *Novos Rumos* de 24 a 30 de janeiro de 1964. Periódico publicado semanalmente pelo PCB como órgão oficial do partido.

da reserva Paulo Mário de Cunha Rodrigues que tinha contato com o Partido Comunista e que mal chega a passar três dias no cargo.

Com o agravamento da crise o governo passa a entendê-la como uma ofensiva ampla e radical. Havia uma certeza de que dois golpes estavam em andamento. Miguel Arraes, governador de Pernambuco, ao tomar um avião para Recife no mês de Março daquele ano comenta com um amigo que o levava ao aeroporto: “Volto certo de que um golpe virá. De lá ou de cá, ainda não sei”.⁵ Ainda afirmava Brizola (ex-governador do RS) que tinha o governo como aliado e era cunhado de Jango: “Se não dermos o golpe, eles o darão contra nós”.⁶

“Em 24 de Março, Comando Nacional dos Grupos dos Onze, reunido sob a presidência de Brizola, com a presença de líderes dos sargentos e marinheiros nacionalistas, avaliou as possibilidades de enfrentamento de um golpe e considerou que tinha maior probabilidade o golpe vindo da parte de Jango do que da parte da direita. No caso da iniciativa janguista, decidiu-se que as forças de esquerda deveriam aproveitá-la para transformar o golpe em começo de revolução”.⁷

De uma forma ou de outra ficava cada vez mais claro que o regime cairia, restava apenas a dúvida em qual direção, o da esquerda ou o da direita.

Preocupados com o iminente golpe esquerdista, os Estados Unidos da América começavam a articular possíveis medidas a serem tomadas a fim de se evitar a tal manobra comunista. A Central Intelligence Agency mandava informes constantes diretamente a Washington sobre a situação brasileira. Trabalhou-se em uma contra-ofensiva proposta pelo então embaixador americano, Lincoln Gordon, que em caso de necessidade seguiria para território brasileiro. Preocupados com o cenário brasileiro, os americanos passam a cogitar os militares para assumirem o poder provisoriamente a fim de abafar o “pretense” golpe comunista.⁸

As quarenta e oito horas que antecederam o golpe militar de 01 de abril de 1964 foram marcadas por especulações, previsões negativas referentes ao desfecho da atual situação política no território brasileiro e movimentações militares.

No cenário internacional, os Estados Unidos da América através de sua Agência de Inteligência Central (CIA), recolhia informações sobre o possível golpe contra o

⁵ Araújo Netto, “A paisagem” em Alberto Dines e outros, *Os idos de março e a queda em abril*, p. 31.

⁶ Entrevista de João Goulart a Luiz Alberto Moniz Bandeira, em Moniz Bandeira, *O governo João Goulart*, p. 130.

⁷ Jacob Gorender, *Combate nas Trevas*, p. 67

⁸ Gaspari, Elio. *A ditadura envergonhada* – São Paulo: Companhia das Letras, 2002, p. 60

governo de Jango. No dia 30 de março de 1964 chegava à Casa Branca um telegrama enviado pelo consulado americano em São Paulo com a seguinte informação: “Duas fontes ativas do movimento contra Goulart dizem que o golpe contra o governo do Brasil deverá vir nas próximas 48 horas”.⁹ Algumas horas após estes eventos, Rusk telefonou para o presidente Lyndon Johnson informando-lhe: “A coisa pode estourar a qualquer momento. [...] Pedi ao Bob McNamara (Robert McNamara, secretário de Defesa) que apronte alguns navios-tanque para suprimentos. [...] Esta é uma oportunidade que pode não vir a se repetir. Acho que é possível que esse assunto brasileiro exploda de hoje para amanhã, eu vou estar em contato com o senhor sobre isso, para que o senhor possa se planejar”.¹⁰

No Brasil a imprensa começou a publicar matérias tratando sobre o mesmo assunto logo nas primeiras horas do dia 31 de março de 1964. O *Jornal do Brasil* trazia um artigo em que dava dois prognósticos para os líderes da oposição, em um, afirmava que o desfecho para a situação nacional se daria em 24 horas e no outro isto ocorreria em 72 horas.¹¹

No início do dia 31 de março de 1964 na cidade de Juiz de Fora, o General Olympio Mourão Filho começa a fazer seus contatos com outros militares a fim de organizar a manobra militar que viria a resultar no golpe de Estado daquele ano como afirma em suas memórias escritas.¹² Usando o telefone como sua principal arma, entra em contato com outros oficiais informando que já havia enviado suas tropas em direção ao Rio de Janeiro. Sua atitude foi tomada como precipitada logo de imediato pelo marechal Humberto de Alencar Castello Branco, mas ele afirmava que a manobra já havia começado e que não poderia mais recuar. Desta forma os telefonemas continuaram a acontecer, convocando outros oficiais a aderirem ao golpe.

O início das movimentações golpistas do dia 31 de março de 1964 foi marcado por fortes desconfianças por parte dos próprios militares. Vários oficiais que foram contatados a aderirem ao golpe deram-lhe descrédito, acreditando ser aquele apenas mais um movimento “quartelista” e que por ter sido iniciado de forma precipitada não daria resultado algum. Fato este que se comprova nas palavras do general Cordeiro de

⁹ Telegrama do consulado geral dos Estados Unidos em São Paulo ao Departamento de Estado, de 30 de março de 1964, transmitido às 16 horas e mandado à Casa Branca às 20h17, hora de Washington. Biblioteca Lyndon B. Johnson

¹⁰ Gaspari, Elio. *A ditadura envergonhada* – São Paulo: Companhia das Letras, 2002, p. 66

¹¹ *Jornal do Brasil*, 31 de março de 1964, p.4.

¹² Olympio Mourão Filho, *Memórias*, p. 372

Farias em depoimento dado vinte e seis anos depois a Aspásia Camargo e Walter de Góes: “A verdade - é triste dizer – é que o Exército dormiu janguista no dia 31 e acordou revolucionário no dia 1^o”.¹³

O dia 1º de abril de 1964 traria enormes mudanças para o cenário político nacional brasileiro, tanto pela força que o golpe acabou criando na clandestinidade como pela falta de iniciativa dos órgãos que apoiavam o governo e do próprio presidente Goulart. Havia informações referentes a ações realizadas pelos golpistas mas foi dado descrédito ao movimento. O que hoje se mostra ter sido um grande erro dos aliados do governo. A situação em Minas Gerais necessitava de medidas drásticas. O presidente João Goulart mesmo sabendo das várias movimentações golpistas não tomou medidas providenciais para lutar contra o levante mineiro.

A esquerda manteve-se em “alerta”, mas na prática não tomou nenhuma iniciativa efetiva contra o golpe mineiro. As ligas camponesas não se mobilizaram de forma organizada. O CGT (Comando Geral dos Trabalhadores) fazia recomendações ao povo que se unisse em repulsa ao levante. A UNE pediu aos estudantes que se manifestassem em passeatas e atos públicos e que continuassem em estado de alerta para o caso de uma possível resistência.

Contudo isto, a esquerda se viu derrotada juntamente com o governo. O golpe que inicialmente não foi levado tão a sério mostrou-se efetivo. Mesmo com o grande aumento de greves e reivindicações dos trabalhadores durante o período 1960-1964, e toda a luta de classes que antecederam ao levante militar da década de 1960 serviram como um fator que acelerou ainda mais o próprio processo golpista. Segundo Jacob Gorender, “Nos primeiros meses de 1964, esboçou-se uma situação pré-revolucionária e o golpe direitista se definiu, por isso mesmo, pelo caráter contra-revolucionário preventivo. A classe dominante e o imperialismo tinham sobradas razões para agir antes que o caldo entornasse.”¹⁴

Ainda sobre os fatores que considera de traço fundamental para a inércia da esquerda nacional brasileira, Gorender afirma: “A hegemonia da liderança nacionalista burguesa, a falta de unidade entre as várias correntes, a competição entre chefias personalistas, as insuficiências organizativas, os erros desastrosos acumulados, as

¹³ Aspásia Camargo e Walder de Góes, *Meio Século de combate – Diálogo com Cordeiro de Farias*, p. 566.

¹⁴ Jacob Gorender, *Combate nas Trevas*, p. 73.

ilusões reboquistas e as incontinências retóricas – tudo isso em conjunto explica o fracasso da esquerda. Houve a possibilidade de vencer, mas foi perdida.”¹⁵

Acreditava-se que haveria uma resposta do governo e da esquerda ao golpe militar, fato este que se comprova na iniciativa de enviar tropas ao território brasileiro em caso de uma possível guerra civil através da *Operação Brother Sam* como afirma Elio Gaspari : “[...] A esquadra foi composta pelo porta-aviões *Forrestal*, seis contratorpedeiros com 110 toneladas de munição, um porta-helicópteros, um posto de comando aerotransportado, e quatro petroleiros que traziam 553 mil barris de combustível. [...] O *Plano de Contingencia 2-61* ganhou o codinome de *Operação Brother Sam*. [...] O governo americano estava pronto para se meter abertamente na crise brasileira caso estalasse uma guerra civil.”¹⁶

No balanço final do movimento golpista comprovou-se uma efetividade muito maior que a esperada pelos próprios golpistas. Praticamente não houve resistência ao movimento, com exceção de dois pequenos movimentos no interior do Brasil. A *Operação Brother Sam* foi desativada no dia 3 de Abril daquele mesmo ano de 1964. O governo tinha sido desposto e a esquerda tinha se mostrado inoperante e desorganizada.

Sob alegações de uma possível ameaça comunista e contando com apoio da classe média brasileira, da Igreja e dos Estados Unidos da América, em abril de 1964 os militares derrubam o presidente em exercício João Goulart e ocupam o poder no Brasil.

A ruptura surgida com o advento de tal golpe resulta no “engavetamento” das propostas nacionalistas de desenvolvimento através das Reformas de Base.

Com a vitória fulminante do movimento golpista militar, os membros da esquerda começaram a procurar refúgio da forma que podiam. Começava então a correria aos abrigos improvisados. Mais que nunca, os “aparelhos” seriam a moradia temporária de muitas pessoas nos anos de ditadura militar.

O novo governo não tardaria para começar a dismantelar as instituições que se apoiavam na Frente de Mobilização Popular. Interviram nos sindicatos, dispersaram as Ligas Camponesas e a sede da UNE sofreu um incêndio na cidade do Rio de Janeiro. Direitos políticos foram caçados com o Ato Institucional nº 1, mais de dez mil pessoas foram expurgadas do serviço público civil e das Forças Armadas através de inquéritos policial-militares e processos administrativos. Começava assim o período de torturas e assassinatos mais sangrento do Brasil no século.

¹⁵ Jacob Gorender, *Combate nas Trevas*, p. 73

¹⁶ Gaspari, Elio. *A ditadura envergonhada* – São Paulo: Companhia das Letras, 2002, p. 99.

A desarticulação inicial da esquerda nacional enfraqueceu mas não destruiu efetivamente o movimento. Muitos dos militantes e adeptos das ideias de esquerda procuraram o caminho do exílio muitas vezes envolvido pela sensação de pânico. Outros pararam por algum tempo as suas atividades. Mas a grande maioria, envolvida por um sentimento de vingança, procurou rearticular-se nas sombras da clandestinidade.

O efeito recessivo também atingiam as diversas camadas da sociedade. A política de arrocho salarial dificultava a vida dos operários que se viram prejudicados pelo desemprego e pela queda na renda familiar e declínio do poder aquisitivo. A classe média também sente as dificuldades impostas pelo plano econômico da ditadura militar brasileira. Aumenta drasticamente o número de falências e concordatas.

Em outubro de 1965, o ato institucional nº 2 “[...] extinguiu os partidos políticos e enfiou o Congresso na camisa-de-força do bipartidarismo bitolado, reabriu o processo de cassações de direitos políticos e submeteu a tribunais militares os civis incurso em crimes contra a segurança nacional.”¹⁷

Em 1966 é apresentado o Ato Institucional nº 3 que entre outras medidas, torna indireta também as eleições ao governo dos estados brasileiros. Castello Branco dá lugar ao seu sucessor “linha dura” o general Costa e Silva e sob seu governo em março de 1967 o Brasil ganha uma nova Constituição Federal e com esta também chegam uma nova Lei de Segurança Nacional e uma Lei de imprensa que chega para legalizar a infalibilidade do presidente da República e de alguns outros grandes líderes do regime militar.

É nesta realidade que o governo busca fechar cada vez mais o regime através de atos institucionais e da nova Constituição Federal. Havia uma indefinição quanto a sucessão do governo após o golpe. Os civis não estavam satisfeitos com a permanência dos militares durante o longo período no poder. Até mesmo dentro das instituições militares não havia um consenso quanto a permanência das forças armadas frente ao governo. Ao se organizar o movimento iniciado em Juiz de Fora não foram definidas as lacunas que serviriam como alicerce para a questão sucessória.

Com os fatos que iam se mostrando cada vez mais iminentes a um fechamento geral do regime, a esquerda, com exceção da maioria do Comitê Central do PCB, assume a inviabilidade do caminho pacífico para a revolução. Ficava cada vez mais cristalina a ideia da esquerda pegar em armas contra o regime golpista militar. Mesmo

¹⁷ Jacob Gorender, *Combate nas Trevas*, p. 78.

essa grande adesão à luta armada, não serviu para unificar a esquerda nacional. A essa questão da luta armada podem ser adicionados outros fatores decisivos para este desencontro de ideias, como as intrigas partidárias antecedentes ao golpe, as influências teóricas de origem nacional e internacional, as limitações que cada grupo encontrava em sua região além de pressões por parte dos países socialistas e etc.

Com o fechamento total da ditadura militar no Brasil através do Ato Institucional nº 5 em outubro do ano de 1968, o cerco se fecha de forma completa. Ficava cada vez mais difícil a articulação interna partidária. Existiam apenas dois partidos legalmente autorizados a ARENA (Aliança Renovadora Nacional) e o MDB (Movimento Democrático Brasileiro). Qualquer envolvimento ou participação em ações comunistas eram severamente punidos.

“[...] o AI-5 não vinha com vigência de prazo. Era a ditadura sem disfarces. O Congresso é colocado em recesso, assim como seis assembleias legislativas estaduais e dezenas de câmaras de vereadores em todo o país. Mais 69 parlamentares são cassados, assim como o ex-governador carioca Carlos Lacerda, que fora um dos três principais articuladores civis do golpe militar, ao lado do ex-governador paulista Adhemar de Barros, já cassado antes, em 1966, e do governante mineiro Magalhães Pinto, que sobreviveu às punições.”¹⁸

É em meio a esse clima de perseguições e da iminente luta armada, que culmina com a instituição do AI-5 e o fechamento do regime, que as torturas surgem da forma mais brutal e generalizada na ditadura militar brasileira. As perseguições aos grupos de esquerda estavam cada vez mais efetivas. O número de “aparelhos” que “caiam” aumentava drasticamente. Ao mesmo tempo em que as vias de acesso à revolução se fechavam, os grupos de esquerda questionavam ainda mais o regime.

Com os “rachas” que foram surgindo dentro do PCB, principal partido da esquerda no Brasil, foram sendo formados novos grupos. Muito destes, surgiram principalmente por divergências ideológicas e outros fatores que já citei tendo como ponto culminante a adesão à resistência armada ao regime ditatorial militar brasileiro.

Surgiram novos líderes no movimento armado que teriam seus nomes conhecidos em todo o território nacional, principalmente pelas ações armadas realizadas por seus grupos. Nomes como o de Carlos Marighella, líder da ALN (Aliança Libertadora Nacional) principal grupo advindo das cisões do PCB e o de Carlos

¹⁸ ARQUIDIOCESE DE SÃO PAULO; *Brasil nunca mais*; p. 63.

Lamarca, comandante da VPR (Vanguarda Popular Revolucionária) ficaram muito conhecidos pelos brasileiros principalmente por estarem sempre vinculados na imprensa às ações armadas.

Enquanto isso, o governo militar brasileiro na busca de intimidar e pressionar os presos políticos usava dos mais variados tipos de torturas contra aqueles. O Projeto Brasil: Nunca Mais, faz um levantamento de vários documentos e relatos de presos torturados durante o regime militar. *“A pesquisa revelou quase uma centena de modos diferentes de tortura, mediante agressão física, pressão psicológica e utilização dos mais variados instrumentos, aplicados aos presos políticos brasileiros. A documentação processual recolhida revela com riqueza de detalhes essa ação criminosa exercida sob auspício do Estado.”*¹⁹

Ainda sobre os métodos de tortura utilizados pela ditadura aos acusados de crimes políticos, a pesquisa “Brasil: Nunca Mais” traz: *“A tortura foi indiscriminadamente aplicada no Brasil, indiferente a idade, sexo ou situação moral, física e psicológica em que se encontravam as pessoas suspeitas de atividades subversivas. Não se tratava apenas de produzir, no corpo da vítima, uma dor que a fizesse entrar em conflito com o próprio espírito e pronunciar o discurso que, ao favorecer o desempenho do sistema repressivo, significasse uma sentença condenatória. Justificada pela urgência de se obter informações, a tortura visava imprimir à vítima a destruição moral pela ruptura dos limites emocionais que se assentam sobre relações afetivas de parentesco. Assim, crianças foram sacrificadas diante dos pais, mulheres grávidas tiveram seus filhos abortados, esposas sofreram para incriminar seus maridos.”*²⁰

É sobre este universo histórico vivido no Brasil a partir da década de 1960 que os sujeitos que viveram aquelas experiências da luta armada se debruçam ao escreverem e publicarem suas memórias.

¹⁹ ARQUIDIOCESE DE SÃO PAULO; *Brasil nunca mais*; p. 34.

²⁰ ARQUIDIOCESE DE SÃO PAULO; *Brasil nunca mais*; p. 43.

2. JORNALISMO, SEQÜESTRO E EXÍLIO.

2.1 O que é isso, companheiro?

Nascia em 17 de fevereiro de 1941 na cidade de Juiz de Fora o homem que viria a se tornar um dos mais polêmicos e controversos escritores de memórias de guerrilha urbana do Brasil: Fernando de Paula Nagle Gabeira.

Vindo do seio de uma família mineira, de uma cidade que tem grande base de sua economia sustentada pela indústria têxtil, nascido e criado em um bairro operário, mas de uma família de classe média. Filho de um pequeno comerciante que tinha como grande meta de sua vida, dar a educação e as oportunidades que não teve aos filhos.

“[...] Então, meu pai me preparou para ser um cara que trabalhasse no Banco do Brasil, porque o Banco do Brasil naquela época era a perspectiva mais interessante que a gente tinha. Então, nesse sentido, eu sou tudo aquilo que meu pai não quis que eu fosse, entende? Quer dizer, ele dizia que detestava que as pessoas fossem poetas, jornalistas e ficassem de noite nos botequins... Eu não saía dos botequins, era poeta e jornalista...” (HOLLANDA E PEREIRA, 1980: 181)²¹

No fim dos anos 1950, Gabeira começa a trabalhar como jornalista e também se torna secretário da União Brasileira de Estudantes Secundaristas (UBES). Em 1960 vai morar no Rio de Janeiro, depois de morar por pouco tempo em Belo Horizonte, para assumir o cargo de redator do *Jornal do Brasil* além de integrar os quadros da subsecretaria da oficina do semanário *Panfleto*, que fazia defesa das posições da esquerda do PTB. Durante o ano de 1964, passa a atuar no movimento sindical dos jornalistas.

Vivendo de forma bilateral onde, por um lado, podia-se vislumbrar uma promissora carreira profissional, onde mais tarde, aos 23 anos passou a ser o pauteiro e em seguida Chefe do Departamento de Pesquisas do *Jornal do Brasil*; por outro lado, buscava participação em um jornal clandestino de um partido político, Gabeira acaba optando pela segunda opção de vida como veremos mais adiante, começando sua militância e atividades clandestinas na Dissidência da Guanabara do Partido Comunista, tempos depois, passando a integrar o Movimento Revolucionário 8 de Outubro (nome

²¹ Entrevista concedida em 04/10/1979, aos pesquisadores do livro *Patrulhas Ideológicas*. Esta entrevista foi feita pouco menos de um mês após o retorno do exílio do autor.

gado em homenagem a data da morte do líder revolucionário latino-americano *Che Guevara*), no ano de 1969, quando tinha 28 anos.

*“Este portanto é o livro de um homem correndo da polícia, tentando compreender como é que se meteu, de repente, no meio da Irarrazabal, se há apenas cinco anos atrás estava correndo da Ouvidor para a Rio Branco, num dos grupos que fariam mais uma demonstração contra a ditadura militar que tomara o poder em 64. Onde é mesmo que estávamos, quando tudo começou?”*²²

Em seu livro *O que é isso companheiro?* Gabeira quer nos passar a imagem de que seu despertar para militância política e atividades clandestinas se dão a partir da observância das ações dos protestantes nas ruas através da sacada e das janelas do *Jornal do Brasil* onde trabalhava. Naquele ponto de sua vida, ele nos dá a impressão de fazer uma auto-análise dos rumos que havia tomado. O autor, ao ver aquelas pessoas pela rua em manifestações contra o governo, desencadeia uma análise que passa a ser feita de sua própria vida. Ele se vê naquela situação estável, levando uma vida séria e “monótona”, já casado e com filhos e passa a admirar aqueles desconhecidos que lutavam em pequeno número contra o trânsito para chamar a atenção sobre coisas que queriam que fossem mudadas. Gabeira nos passa a idéia que aos 28 anos, não queria mais ficar naquela situação em que se encontrava.

Então fica clara essa intenção que inicialmente, surge por um impulso de mudar sua vida, de fazer algo emocionante, de se engajar em uma luta. A partir desse questionamento de sua situação individual naquele momento é que Gabeira dá início a suas aventuras clandestinas em terras brasileiras. Usando até mesmo este fato como uma apresentação ao leitor para justificar sua entrada na luta armada e ponto inicial de suas histórias a serem tratadas no livro.

Ele nos fala de suas visões das mobilizações populares como algo nostálgico. E ainda nos aponta que a sua observância para a posição daquelas pessoas que marchavam pelas calçadas gritando e reivindicando serve para ele como um alerta e um chamado. Aquela reflexão ao olhar para o seu trabalho, seus colegas de profissão naquele jornal na cidade do Rio de Janeiro, o fez pensar se era aquilo mesmo que queria para sua vida. Começa naquele momento a admirar o movimento organizado por aqueles jovens que gritavam à frente das janelas da sede do *Jornal do Brasil*.

²² GABEIRA (1981; p. 10)

Porque o autor precisou ver aqueles desconhecidos para se perceber como alguém “infeliz” levando aquela vida de trabalho e família? Será que já pensava sobre sua vida desta forma antes das manifestações contra o regime ditatorial militar começarem? Houve uma crise de identidade ideológica por parte do autor durante o ano em que resolve ingressar na luta contra a ditadura?

É estranho percebermos que apesar de ter uma família constituída com esposa e filhos o autor não fazer qualquer menção sobre este assunto. Em seu livro de memórias, não há sequer uma única referência a sua antiga rotina de chefe de família. Pelo contrário, num primeiro momento de leitura das histórias narradas por Gabeira, a impressão que nos é passada pelo autor é de que não há qualquer ligação familiar deixada para trás ao entrar na guerrilha. Esta postura adotada pelo autor talvez tenha a intenção de minimizar as conseqüências de sua escolha repentina e perigosa. Entrar em uma vida de riscos constantes e de total incerteza por sua segurança poderia gerar certa antipatia pelos leitores. Desta forma, nos parece que Gabeira escolhe ocultar a existência dos filhos em suas memórias e sequer faz referencia quanto a isso no decorrer de todo o livro. Ao tratar de seus encontros amorosos, de suas reuniões com os membros das organizações clandestinas por onde passou, de seu medos e suas angústias, não deixa sequer um único testemunho sobre contatos que pudera ter tido com sua família. Será que o autor deixa totalmente de lado o contato com sua antiga vida? Ou será que ele mantém contato com os filhos e prefere manter estes fatos ausentes de sua narrativa? No primeiro momento, quando temos um contato inicial com a obra sem prévio conhecimento biográfico do autor, pensamos de imediato que trata-se de um jovem jornalista, solteiro e sem ligações mais estreitas com entes familiares além do normal e que resolve lutar contra o governo militar na década de 1960 no Brasil.

Gabeira faz algumas referências a sua antiga rotina e faz comentários de contatos com colegas de trabalho principalmente como forma de obter algumas informações sobre situações políticas que pudessem ajudar de alguma forma em sua causa revolucionária. O autor faz uns poucos comentários de sua infância sempre para lembrar de alguns fatos políticos que presenciou durante o tempo em que morou no estado de Minas Gerais. Faz poucas referências sobre seus pais e acaba deixando o leitor com uma certa carência de sentimentos, do estado emocional daquele ser humano compartilha várias experiências de um momento tão marcante de uma vida.(melhore redação) Não há um relato mais saudoso de sua infância, amigos ou de seus pais. Se o

autor não dá qualquer sinal de vida sobre seus filhos também não faz muita cerimônia ao deixar praticamente de fora de seus escritos a sua infância e seus pais.

Aliás, a ausência da exposição de emoções do autor é algo constante em toda sua narrativa, como veremos adiante. Há sem dúvida alguma a intenção de deixar de fora de seus escritos a presença de sua família, principalmente de seus filhos. Talvez com a intenção de preservar a intimidade dos membros familiares ou talvez com a intenção de não expor aos leitores a relação que tinha com os filhos.

Há então uma relação entre o seu despertar para a luta contra o regime militar e sua relação familiar. Ao tomar aquela decisão de fazer parte ativamente dos quadros da esquerda política no Brasil, Gabeira abre mão de toda a sua vida anterior, do emprego, amigos e família. Sabia que se tratava de um caminho sem volta. Com o cerco cada vez mais forte aos opositores do governo e o desaparecimento dos militantes da esquerda brasileira, tomar aquela decisão significava romper com a vida que levava e entrar de vez na clandestinidade.

Gabeira conta que esta decisão não fora tomada de forma precipitada e impensada. A idéia já vinha amadurecendo havia algum tempo. Desde a sua observação em especial do movimento estudantil.

*“Tudo parecia já muito remoto depois do golpe de estado no Chile, com os cachorros latindo e o ruído dos helicópteros patrulhando a cidade. Dai a pouco chamariam para voltar ao trabalho, mas a demonstração estudantil não ia sair fácil de minha cabeça. Desde 64 que estava buscando aquela gente e aquela gente, creio, desde 64, preparava seu encontro com as pessoas olhando da sacada da avenida Rio Branco.”*²³

Com este fragmento retirado do livro *O que é isso companheiro?* o autor no diz que desde 1964 já mantinha certa afinidade com o movimento estudantil e que passa observá-lo desde aquele ano. Mas Gabeira começa a atuar na luta armada contra o regime em 1968, ou seja, sua decisão de tomar parte naquele movimento vinha amadurecendo durante anos em sua mente.

“Num certo momento, eu chego na Janela do Jornal do Brasil, e vejo uma manifestação de 50 estudantes andando contra o trânsito. Eu digo, “Esses caras não tem a minia chance de vitória, mas eu sei que

²³ GABEIRA (1981; p. 11)

eles são audaciosos, não é? Poxa, 50 caras aí contra o trânsito...” Ai eu olhei pra minha redação, e estavam lá aqueles jornalistas escrevendo, já meio curvos... eu pensei... “isso aqui não tá com nada, eu vou embora” Ai fui, descii. Eu já andava procurando contatos com o movimento estudantil e toda vez que pintava uma manifestação de frente ao JB, eu já ia, entende, já era normal... e com isso eu comecei a ter realmente contato com o movimento estudantil, a transar com o movimento estudantil e assim saltei de geração, porque eu sou um pouco de contrabando nessa geração de 68. Naquela época, eu já estava casado, com filhos e toda essa coisa... E me dei bem, no sentido de que quando tomei contato com o movimento estudantil, percebi que era ali que estava se fazendo o trabalho mais sério contra a ditadura.”²⁴

Novamente afirmamos que sua decisão de participar de um grupo clandestino não pode ter sido considerada como uma atitude impensada. Sendo assim, novamente nos indagamos quanto a preocupação do autor em não fazer a mínima referência em relação à reação que sua família teve no momento em que ele toma esta decisão. Não é passado ao leitor qual foi a atitude de seus familiares, quais medidas ele tomou para que seus filhos continuassem a terem o padrão de vida que tinham até seu ingresso na luta armada.

Fernando chega a fazer menção a alguns romances que tivera durante o período que compreende as memórias exposta em seu livro, dentre eles está seu casamento com a ex-esposa de seu companheiro de luta, Zé Roberto que foi morto pela polícia em 1970.

“[...] Eu me casei com sua companheira Vera, assim que saímos da cadeia e debaixo da crítica de alguns, que achavam não ter cumprido o tempo regulamentar de luto. Fomos muito felizes, dentro dos limites”²⁵

Este romance também é retratado no filme homônimo inspirado nas memórias de Fernando Gabeira, *O que é isso companheiro?* dirigido por Bruno Barreto no ano de 1997.

É interessante notarmos que o autor não faz cerimônia em esconder esse seu romance que se tornar-se-ia em casamento após sua saída da prisão. Fato este que se

²⁴ HOLLANDA & PEREIRA (1980; p. 183-4)

²⁵ GABEIRA (1981; p. 54)

comprova de forma mais contundente no próprio filme inspirado no livro. Fernando Gabeira assina o roteiro do longa-metragem, dando mais uma vez, o aval para a inserção de seu romance com Vera tornando-o ainda mais público. Porque o autor faz clara referência ao seu romance com Vera? Como já havíamos afirmado anteriormente, o livro mostra-se como um acerto de contas do autor, com a sociedade de um modo geral. Ao afirmar no trecho retirado de seus escritos, que sofrera a crítica de alguns, parecemos que esta é sua forma de responder a elas, afirmando que foram felizes, “dentro dos limites”. Talvez seja este o motivo por citar este romance em específico e omitir os demais. Gabeira quer ali dar sua resposta aos que lhe criticaram.

É sobre esse tipo de seleção das memórias que falamos na introdução deste trabalho. Apesar do autor se propor a narrar suas experiências de vida durante o período em que fez parte da luta armada contra o regime ditatorial militar iniciado na década de 1960 no Brasil, escolhe por expor alguns fatos e nos omitir outros que com certeza pesaram no momento de optar pela clandestinidade. A partir do momento do surgimento da idéia de registrar suas experiências e publicá-las em seguida, há uma intenção nesta ação. Há a busca por alcançar certo objetivo com esta prática. Gabeira, no primeiro capítulo de seu livro, tenta fazer uma breve síntese de suas intenções ao escrever aquele livro:

*“Este portanto é o livro de um homem correndo da policia, tentando compreender como é que se meteu...”*²⁶

Inicialmente Gabeira nos diz que sua intenção ao escrever suas memórias era de procurar entender o rumo que sua vida tomou e por onde ele havia passado para chegar ao exílio, lugar onde escrevera grande parte de suas memórias, principalmente na Suécia. Seria um livro feito para o autor se auto-conhecer. Mas vemos que há uma outra intenção na publicação daquelas memórias. Gabeira quer responder aos que lhe criticavam, quer mostrar suas histórias aos que não o conheciam. Quer desmistificar a imagem criada do guerrilheiro revolucionário comunista.

Há uma influência existencialista presente no pensamento do autor, e isto fica claro no desenrolar de seus escritos. Ele se vê 10 anos mais velho que a maioria de seus companheiros de mesma extração social, detalhe apontado pelo autor no trecho da entrevista citada anteriormente concedida a Hollanda e Pereira, ou seja, ele se fixa no debate de idéias. Aos 28 anos, deveria fazer como a maioria dos indivíduos de sua idade

²⁶ GABEIRA (1981; p. 10)

e classe social naquela época: quer dizer, casar, investir em sua carreira profissional, ter filhos, ficar fora de embates políticos e manter uma moral tão defendida pela sociedade em que vivia ou lutar por uma causa e assumir essa posição publicamente, defendendo os ideais socialistas, lutar pela resistência e combater ao lado de militantes mais jovens além de se tornar o dono de sua liberdade, ter uma vida de aventuras e não prender-se ao estilo de vida considerado “normal” pela sociedade, fazendo uma espécie de traição a sua classe e a sua geração.

Podemos ainda observar este embate existencialista na entrevista concedida a Hollanda e Pereira:

“Então, você vê, a minha trajetória assim a um nível muito especial é essa... um cara que era jornalista, boêmio, líder estudantil na década de 50, que depois passa a ser um jornalista profissional nos 60 e se integra ao movimento de oposição à ditadura e à luta armada nos fins dos 60 e dos 70. Quer dizer, a trajetória intelectual não é a trajetória clássica. Eu não cheguei à luta armada através da leitura d’O Capital nem da leitura marxista e foram poucos os de nossa geração que chegaram à luta política e à luta armada através de uma leitura, de uma reflexão sobre os clássicos. No meu caso, a formação que eu tinha, quando... lia muito, eu ia ser escritor, eu lia muito os americanos, Sarioan, Hemingway, Dos Passo, todo mundo... eu era um contista em potencial e a influencia filosófica sobre a nossa geração era a influência francesa do pós-guerra, ainda eram os existencialistas... Sartre e Camus. [...] Voltando à questão inicial sobre a minha trajetória, eu te diria; um cara literato, existencialista, que fez a luta armada no horizonte ainda do existencialismo, que abraçou o marxismo um tanto post-festum, depois de ter feito todas as cagadas decorrente da minha incompreensão teórica.”²⁷

Assim, Gabeira nos diz que seu contato com as idéias socialistas se deram muito mais por necessidade do que por afinidade. Ele não era um “comunista nato” e também não faz questão de expor essa influencia existencialista de forma direta em suas memórias, prefere deixar subentendido. Fica claro que o existencialista que mais o influencia é Sartre, e podemos até traçar um paralelo entre a relação de Gabeira e suas

²⁷ HOLLANDA & PEREIRA, 1980: 185-7

dúvidas, suas ideias filosóficas, seu sentimento de que ao fazer a opção pela guerrilha, trairia sua classe e sua geração, essa dubiedade em que se coloca Gabeira é abordada de forma peculiar por Sartre em seu *A idade da razão*. Na obra de Jean-Paul Sartre, há um dilema muito parecido com a situação de Gabeira já que o personagem principal da obra do francês é um professor de filosofia em um liceu que vive um complicado dilema entre seguir uma vida regrada, com casamento, filhos, emprego formal e sério mantendo-se longe da política ou aderir a uma luta revolucionária assumindo sua opção pelo comunismo, lutando ao lado de militantes mais jovens que na grande maioria foram seus alunos, sendo dono de suas escolhas optando pela liberdade, mas ao mesmo tempo fazendo uma traição à sua classe e geração. Desta forma, fica muito clara a semelhança entre o personagem de Sartre e as escolhas de Gabeira.

No geral, os escritos de Fernando Gabeira tentam fazer um apanhado do período que compreende entre 1964 a 1973, desde sua decisão em apoiar o movimento armado até o período de exílio no Chile.

Ele opta por escrever de forma fragmentada suas experiências mas apesar disso, existe um tom de linearidade em sua narrativa. Os capítulos são escritos de maneira cronológica mas de forma fragmentada. Gabeira escolhe os títulos e os fragmentos por acontecimentos, como fica evidente em cada capítulo de *O que é isso companheiro?*. Novamente, nos deparamos com as particularidades da escrita de si. O que leva o indivíduo a fragmentar suas memórias? Gabeira escolhe minuciosamente o que pretende passar ao leitor, conta apenas aquilo que acha conveniente. Tem principalmente, a intenção de mostrar a sociedade qual o seu papel em toda aquele turbilhão de acontecimentos iniciado à partir do golpe militar de 1964 no Brasil. Sendo assim, porque o autor dá preferência a alguns eventos em detrimento de outros? Nota-se que grande parte do que escolhe escrever dá conta dos momentos iniciais de sua formação como um opositor à ditadura civil-militar. Percebemos que há uma necessidade de organizar o conflito vivido naquela época. Vejamos:

“[...] Mil coisas estavam acontecendo nos telegramas empilhados na minha mesa: guerras, terremotos, golpes de estado. Ali, diante dos meus olhos, cinqüenta pessoas se reúnem no meio da rua, tiram suas faixas e cartazes, iluminadas pelos faróis e meio envoltas na fumaça

*dos canos de descarga, avançavam contra o trânsito. Mais verba, menos tanques, abaixo a ditadura, gritavam”.*²⁸

*“[...] a demonstração estudantil não ia sair fácil da minha cabeça. Desde 64 que estava buscando aquela gente e aquela gente, creio. Desde 64, preparava seu encontro com as pessoas olhando da sacada da Avenida Rio Branco”.*²⁹

Ou ainda:

*“Meu encontro com aquela nova geração de políticos pode não ter revolucionado o País, como era nosso propósito, mas revolucionou minha vida. As passeatas eram feitas diante do meu trabalho e jamais deixei de cair em tentação, exceto no momento mais negro da sexta-feira sangrenta. Sempre que possível, descia as escadas sorrateiramente, protegido pela cumplicidade amistosa dos companheiros de trabalho, e já estava no meio da massa, como dizíamos na época.”*³⁰

Esta oscilação ambígua entre uma vida regrada e socialmente correta ou entre um futuro incerto e que exigia ação não se dá sem hesitação. Aqueles tempos de manifestações na rua e das grandes passeatas são mostradas pelo autor em suas memórias como uma convocação, um chamado para a tomada de sua decisão final, passam-se quatro anos de dúvidas. Gabeira acabara de ser promovido no Jornal do Brasil, tinha que optar por sua carreira e vida regrada ou cair na clandestinidade e abraçar a revolução:

*“[...] Para mim, era sempre uma sensação estranha fazer passeata diante do JB... [...] Era uma sensação estranha porque parecia que eu estava vaiando a mim próprio”.*³¹

*“Quantas vezes tive vontade de saltar da sacada para ajudar alguém. Quantas vezes tive vontade de subir para a sacada, para estar ao lado dos redatores amigos e comentar com eles o curso da demonstração”.*³²

²⁸ GABEIRA (1981; p. 10)

²⁹ GABEIRA (1981; p. 11)

³⁰ GABEIRA (1981; p. 51)

³¹ Gabeira (1981; p. 74)

³² Gabeira (1981; p. 75)

Neste sentido, podemos dizer que Gabeira começa a escrever suas memórias a partir do dia em que tomou a decisão de mudar o rumo de sua vida. Ele abandona uma carreira muito promissora, pois sua decisão coincide com sua promoção no *Jornal do Brasil* e entra de cabeça na aventura que significava entrar para a luta armada, pondo diariamente sua vida em risco com a intenção de lutar por um ideal, de defender a causa que acreditara ser a mais justa para o país. Esta sua busca por aquele ideal no fim mostrou-se frustrada e mesmo assim, percebemos que continua mexendo com os pensamentos do autor, comprovando-se pela publicação destas memórias.

Sendo assim as memórias escritas por Gabeira se traduzem em uma auto-reflexão, um acerto de contas com ele próprio. Além disso, pode se perceber que o autor também faz uma espécie de narrativa voltada a dar respostas a outros militantes e a sociedade.

Em nenhum momento, o autor toma para si a glória das grandes ações nem da liderança das organizações. Ele praticamente mantém um diálogo com outros militantes envolvidos nas mesmas ações em que esteve presente além dos diversos membros que fizeram parte do quadro da esquerda política no Brasil. Há esse cuidado em não tomar para si o heroísmo, e com isso passar aos leitores a visão de um arrogante. Gabeira procurar apenas mostrar suas ações sem dizer se elas eram certas ou erradas. Não toma para si a verdade, não se diz um grande membro da esquerda. A sua narrativa mantém uma modéstia constante. Porque o autor tem essa preocupação? Qual o motivo de Gabeira dar-se um lugar de coadjuvante nas ações armadas em suas próprias memórias?

Mais uma vez, para responder às críticas que sofria, ele pretende não dizer que foi um herói, apenas conta em suas memórias algumas situações que experimentou. O autor tinha a consciência que poderiam criticá-lo ainda mais após a publicação de seu livro. Notamos que um receio antecipado a essa crítica leva-o a buscar ao máximo uma neutralidade. Tentando sempre fazer crítica a si próprio, se isentando de expor à sua opinião pessoal sobre outros membros da esquerda, a exceção de alguns poucos nomes que o faz de maneira muito “camarada”. Gabeira faz alguns comentários sobre a personalidade de alguns indivíduos que vão surgindo em seus escritos mas de forma muito ponderada e branda. Qual seria o motivo de tanta “diplomacia”? Acreditamos que pesou o receio de críticas e desavenças futuras.

Gabeira faz questão de tratar do constante desentendimento entre os líderes e o desencontro de idéias entre os grupos opositores ao governo ditatorial instaurado na década de 1960, fato que foi muito constante entre a esquerda brasileira e é considerado

por muitos como uma das principais causas da derrota da revolução no Brasil. Mesmo configurando um ponto praticamente de senso comum entre toda a sociedade brasileira, o autor mantém sua crítica ponderada sobre o assunto, abstendo-se de atacar ou de citar nomes:

*“A ala moderada do movimento de esquerda acusa a ala mais radical de ser responsável pela derrota e o setor mais radical acusa a ala moderada. E esse pingue-pongue toma às vezes muito tempo, até que se percebe sua inutilidade.”*³³

Desta forma, ao analisarmos a situação, as circunstâncias em que Gabeira escreve suas memórias e os objetivos que traça com esta ação, temos uma breve visão: o autor passa cerca de dez anos fora do Brasil, antes de seu retorno encontra-se com Ziraldo, editor chefe da Editora CODECRI e outros jornalistas do *O Pasquim*³⁴ em passagem pela França e é convidado a escrever e publicar suas memórias. Vê-se ainda intrigado com tudo o que aconteceu durante seus anos de luta armada no Brasil e aceita o convite. Dessa forma, temos a conveniente situação para o autor. Primeiro, já sentia a necessidade de voltar aos seus tempos de guerrilha em território brasileiro para afastar velhos fantasmas e de certa forma, dar respostas aos que o criticavam além de sentir que precisava compartilhar suas experiências com a nova geração de jovens que estava surgindo em seu país. Segundo, recebe o convite de um conhecido escritor e editor chefe de um jornal de muito sucesso na época para que publicasse suas memórias, ou seja, Gabeira tem as condições ideais para produzir seus escritos.

De acordo com essas circunstâncias o autor cria uma narrativa, inicialmente, fragmentada que é contada a partir do ponto de vista de um exilado político, observando principalmente os pontos iniciais de sua oposição a ditadura no Brasil iniciada na década de 1960. Essa estrutura torna à história linear e nos lembra de certa forma uma entrevista, com um roteiro bem elaborado e cuidadosamente respondido de forma indireta. É a construção de um monólogo interior onde o autor responde as perguntas que muitos lhe fizeram e que ele sabia que muitos ainda queriam fazer, escolhendo uma narrativa isenta de qualquer emoção mais forte. Temos uma narrativa e um narrador

³³ Gabeira (1981; p. 29)

³⁴ *O Pasquim* foi um semanário brasileiro editado entre 26 de junho de 1969 e 11 de novembro de 1991, reconhecido por seu papel de oposição ao regime militar.

totalmente moldados, controlados e centrados em contar unicamente os fatos que experimentou. O que nos leva novamente a refletir o motivo dessa posição. Porque Gabeira se dispõe a ser praticamente mero contador de história? Porque se omite em analisar, criticar ou defender seja sua opinião ou a opinião dos outros? Onde está o guerrilheiro que por meios de seus ideais e convicções foi às ruas e lutou com unhas e dentes por aquilo que acreditava? Tal fato é no mínimo controverso.

“No entanto, era preciso correr. Correr rápido para chegar a tempo e meio disfarçado para não chamar a atenção dos carros militares. E, talvez, o cara da esquina nem fosse de esquerda. Foi assim, nessa corrida meio culpada, que me ocorreu a idéia: se escapo de mais essa, escrevo um livro contando como foi tudo. Tudo? Apenas o que se viu nesses dez anos, de 68 pra cá, ou melhor a fatia que me tocou viver e recordar.

*Este portanto é o livro de um homem correndo da policia... [...] Onde é mesmo que estávamos quando tudo começou?”*³⁵

A partir do questionamento inicial ele vai fazendo sua narrativa sempre em contato com o leitor, com emoções controladas por frases curtas e secas. Quando notamos que pode haver emoção, o autor prefere colocá-las de lado substituindo-as geralmente pelo humor ou pela imparcialidade. Talvez essa impessoalidade seja influencia de seus anos de ofício como jornalista mas caberia mais personalidade e emoção em sua narração já que ele faz uma análise a dez anos de distancia dos fatos narrados nos remetendo a diversas espacialidades e mediações.

Além disso, Gabeira quer convencer-nos através de sua narrativa que naquela época já tinha uma consciência crítica formada sobre toda sua situação. Que apesar de estar totalmente imerso na luta armada, sabia dos limites de sua dedicação e dos outros militantes também:

*“Assim nos anos 60 fiz uma crítica de minha condição intelectual pequeno-burguês: agora, nos anos 70, estou fazendo uma crítica um pouco mais avançada, me criticando enquanto macho latino, enquanto branco e enquanto intelectual”*³⁶

E podemos perceber essas tentativas de convencimento do leitor no seguinte ponto de seus escritos:

³⁵ Gabeira (1981; p. 10)

³⁶ HOLLANDA & PEREIRA (1980; p. 187)

“Aquele geração de jovens políticos tinha uns dez anos menos que eu. Minha revolta se curtiu no triangulo familiar, nas lutas para ter os amigos que quisesse, escolher a carreira que me parecesse melhor, chegar em casa mais tarde. Eles se chocam na adolescência com um problema inédito para nós: a ditadura militar. Nos tempos de secundarista, combatíamos uma política educacional elitista, mas num quadro de um governo democrático.

Essas diferenças foram pesando muito nas formações que se defrontavam ali, diante de uma atividade comum. Para eles, tudo era política partidária. Alguns não tinham tido nem sua primeira namoradinha e já estavam inscritos numa organização. Lembro-me de Dominginho, o mais doce e inteligente de todos, que vinha com uma sacolinha de plástico, às vezes com um revólver calibre 38, às vezes com um conjunto de documentos sobre o foco guerrilheiro.

- Dominginho, porque é que você não compra um álbum e não vai colecionar figurinhas? Porque você não arranja uma namoradinha e vai acariciá-la num banco de jardim?

- O que é isso, companheiro?

O que era isso, companheiro? Até hoje tento explicar a causa de nossas desconfianças mútuas. Os de minha idade já estavam colocados, já tinham empregos bem remunerados e gastaram grande parte de sua vida tentando entender as relações interpessoais. Eles, os da nova geração, não colocavam esse problemas na ordem do dia. Eram capazes de localizar todas as intenções escondidas num discurso político, apontar as causas econômicas de uma certa virada histórica. No entanto, faziam uma leitura linear dos sentimentos.”³⁷

Logo, temos que ter cuidado para o fato de que estas memórias estão sendo escritas em 1978 e devemos questionar essa aparente consciência crítica tão presente nesses pensamentos tendo em vista que como o autor mesmo afirma, já vinha procurando essa gente. Mas se analisarmos bem, em alguns momentos o autor se desilude, se engana? Para nós, constitui-se numa desilusão. Tanto numa desilusão de vida quanto numa espécie de ilusão textual, como comenta Jorge Semprún na contracapa do próprio *O que é isso, companheiro?*, como segue:

“Para ler-se a narrativa de Gabeira, é melhor evitar a cilada do exotismo. Dupla cilada ou, talvez, cilada de ação dupla. Pois o

³⁷ GABEIRA (1981; p. 52)

exotismo – o Brasil ditatorial dos anos sessenta, seu calor e seu barulho brutal – pode tanto seduzir como distrair. Afastar, portanto, da verdade. Seduzidos, só iremos querer saborear as aparências fabulosas dessa história real: o brilho pitoresco cegará nossa reflexão...

A aventura aqui narrada é universal. A usura dos mitos revolucionários nascidos do leninismo, o fantasma de uma Organização básica e onisciente, a dureza sangrenta da “crítica das armas”: essa experiência é comum, através do mundo capitalista, às camadas intelectuais radicalizadas por uma crise profunda das instituições e dos poderes... [...] Eis, com um tom de ternura e ironia – virtudes principais de um homem que voltou a si – a narração cintilante de um fracasso histórico que fecha muitas portas falsas e abre uma janela muito bela: a da lucidez.”³⁸

Essa lucidez que Semprún comenta, é fruto das várias vivências experimentadas por Gabeira ou se deve ao passar dos anos e do amadurecimento intelectual do autor? Para Semprún, Gabeira estafa fora de si ao entrar na luta armada e querer lutar contra o capitalismo? Fica expresso em seus comentários que para ele, o sonho pela ascensão do comunismo traduziu-se num fracasso histórico, mas que desperta naqueles que dele fizeram parte uma visão diferente do mundo. Loucura, imprudência, aventura ou ilusão? Para Semprún, Gabeira através dessa experiência desperta para uma nova realidade, chega à lucidez.

Gabeira recria em sua narrativa um tempo de grande agito cultural e político no Brasil. Para o autor, naquela época fazer parte da luta armada contra ditadura significava fazer parte de uma causa lutando por ela e dar um sentido a sua existência.

“Ainda não tinha acontecido nada de especial. Grande parte dos deslocamentos eram apenas preventivos. Estávamos, entretanto, impressionados com a experiência do MR-8 do Estado do Rio. Eles caíram no Paraná e, de repente, toda organização desapareceu. [...] Nossa análise daquela queda foi muito insuficiente. Foi uma análise produzida para nos tranquilizar. [...] O MR-8 praticamente acabara, não porque a polícia política fosse realmente eficaz, mas sim porque

³⁸ Jorge Semprún no *Libération* por ocasião do lançamento de “*Les Guerrilleros Sont Fatigués*” (O que é isso, companheiro?) na França.

*ruiu ao peso de seus próprios erros. Erros heróicos, mas erros. De agora em diante nos chamaríamos MR-8. O MR-8 éramos nós. Nada acabava. Íamos encarnando tudo e, nesse processo, negando a decadência que nos destruía gradualmente...”*³⁹

Nesta fase entre o ano de 1968 e 1969, Gabeira já fazia parte da organização clandestina e começara a participar das ações como militante de base da organização. A sua função inicial era basicamente estratégica, pois o autor, ao fazer parte de um grande jornal teoricamente conseguiria informações privilegiadas. Num segundo momento deixa o cargo no jornal por decisão conjunta da organização e do próprio autor por causa do grande cerco montado pós AI-5, isolando-se cada vez mais temendo a repressão do governo.

É exatamente nesta fase de sua vida de revolucionário no Brasil, que Gabeira participa do seqüestro do embaixador norte-americano no Brasil, Charles Burkle Albrick. Fato este que tornou Gabeira um dos militantes da esquerda mais conhecido no país. Em entrevista ainda no exílio ao *O Pasquim*⁴⁰, o seqüestro do embaixador dos Estados Unidos da América foi o principal assunto.

Como quem anuncia um grande espetáculo a seguir, Gabeira dedica o mais longo capítulo de sua narrativa memorialística ao seqüestro do embaixador americano, e escreve no início deste capítulo da seguinte forma:

“Chega um momento em que o narrador precisa ajustar melhor suas linhas, tensionar melhor o seu arco, tirar alguns efeitos técnicos. Todos esperam isto dele, sobretudo na hora da emoção. Mas o narrador já aprendeu, com o tempo, que um livro, um longo relato, não é apenas uma sucessão de histórias que se contam num punhado de páginas brancas. Um livro não se controla. A notícia mais simples sobre o assunto foi:

AP161

URGENTE

RIO DE JANEIRO, 4 (AP) – O EMBAIXADOR DOS ESTADOS UNIDOS NO BRASIL, CHARLES BURKLE ALBRICK, FOI SEQÜESTRADO HOJE NO RIO DE JANEIRO.

³⁹ GABEIRA (1981, p. 96-7)

⁴⁰ O Pasquim nº 490 (17-23/11/1978)

UM PORTA-VOZ DA EMBAIXADA CONFIRMOU A NOTÍCIA À ASSOCIATED PRESS.”⁴¹

Gabeira preocupa-se em anunciar que ali estava a passagem mais emocionante de seus escritos, o clímax de sua narrativa. Assim percebe-se que há um cuidado em preparar sua história, a perceber-se pelo título do capítulo: “BABILÔNIA, BABILÔNIA.”

Se em todo o livro tínhamos um narrador centrado, de frases curtas e secas, que busca a neutralidade nas questões que merecem uma crítica e procura de toda forma manter-se sóbrio na exposição de sentimentos, no capítulo que trata do seqüestro mostra-se empolgado e faz suspense. O que pretendia com esta ação e porque de certa forma muda a postura adotada no decorrer de todos os seus escritos para este capítulo em específico?

Acreditamos que o narrador considera este o ponto alto de sua “carreira” como guerrilheiro, e ao expor suas lembranças, acaba se deixando levar de certa forma pela glória de dias passados. Além disso, há a questão editorial, sem dúvidas este era o ponto que despertava maior curiosidade em sua trajetória de esquerda no Brasil. Havia uma comoção nacional em saber dos pormenores da ação armada, do planejamento e das táticas usadas pelo grupo guerrilheiro. O autor acaba explorando este anseio ao seu favor, sabia que este era o clímax de sua narrativa e vê assim a oportunidade de explorar bem a situação ainda buscando a sua contenção crítica e emocional no desenrolar do capítulo. Há sim a exposição do medo e da aflição que perturbam o narrador mas estes são as únicas emoções mais exacerbadas que o leitor encontra no capítulo. Ele prepara o leitor para um grande fato, com dois ingredientes: surpresa e suspense. Enfim, de início se faz uma preparação ao leitor mas em seguida mantém a postura “camarada” já tão presente em toda sua narrativa.

Além disso, existe também uma preocupação do narrador se mostrar sempre prestativo e pacífico em relação a sua relação com o embaixador seqüestrado. Ficara encarregado de ser o tradutor do norte-americano e desta forma acaba tendo um contato maior com aquele homem. Porque o autor tem essa preocupação? Será que realmente se portou tão prestativo e amigavelmente como nos conta em suas memórias? Ou será que o faz para ter uma maior aceitação do público, já que a imagem dos guerrilheiros

⁴¹ Gabeira (1981; p. 107)

comunistas no Brasil era tão manchada. Gabeira busca uma aceitação para suas ações e escolha?

2.2 Nos dias de hoje...

É importante ainda fazermos um paralelo, com os dias atuais. Se no passado, Fernando Gabeira usou da força bruta e do uso de armas, nos dias atuais se mostra totalmente contrário ao uso da força.

Após o retorno do exílio participou como membro fundador do Partido dos Trabalhadores e em seguida da Fundação do Partido Verde. Já foi candidato a presidência da república, ao governo do Rio de Janeiro e vem conseguindo ser eleito deputado federal no Rio de Janeiro há cinco mandatos e hoje tem como principal bandeira a defesa do meio ambiente.

Em entrevista concedida ao apresentador João Gordo em janeiro de 2009, ao ser questionado sobre o que achava do movimento do qual fizera parte para depor o governo civil-militar e instaurar o comunismo no Brasil Gabeira disse: “faz parte do passado, aquilo era uma luta para acabar com uma ditadura e implantar outra”⁴². Percebemos com essa declaração que ele hoje vê as coisas de outra maneira. Gabeira vê sua luta iniciada na década de 1960 como algo estranho ao seu eu atual e ainda na mesma entrevista citada, ao ser questionado se repetiria suas ações do passado, ele responde: “não”. Seria este o resultado por ter entrado na luta socialista ainda pelos ideais existencialistas?

Gabeira entrara na luta armada pela implantação do socialismo despreparado teoricamente, dez anos mais velhos que a maioria dos outros militantes, cheio de questões existências e deixando toda uma vida e carreira promissora para trás. Seria esta a lucidez de que falara Jorge Semprún? De qualquer forma, há uma total mudança nas idéias daquele guerrilheiro revolucionário que a partir da década de 1960 no Brasil pega em armas e enfrenta o governo nacional. Tal postura adotada pelo autor não é única, o mesmo acontece com Alfredo Sirkis, como veremos no capítulo seguinte.

Apesar de tudo, temos que reconhecer que Fernando Gabeira é o primeiro militante da esquerda brasileira a romper o silêncio quando estava ainda no exílio revelando detalhes principalmente de sua participação no seqüestro do embaixador

⁴² Entrevista concedida ao apresentador João Gordo no programa *Gordo Chic Show* exibido pela emissora MTV Brasil em 12 de janeiro de 2009.

americano e da situação daqueles militantes que sofreram com a repressão político-militar instaurada com o golpe civil-militar no Brasil em 1964.

Gabeira, através de sua visão de intelectual e pertencente a um grupo social específico vincula o singular ao universal. E se vê em uma situação totalmente diferente, em que a realidade do país e do mundo é completamente diversa da que vivera na década de 1960, tentando através da publicação de suas memórias uma justificativa e aceitação para o movimento revolucionário a que pertencera.

“O Brasil já não é mais o Brasil daquele período. Hoje, o movimento democrático amadureceu muito. [...] O movimento estudantil, o movimento das donas de casa em São Paulo, o movimento da Igreja, sente-se que existe um movimento democrático em curso em todos os aspectos do país. [...] A luta concreta que existe hoje no Brasil te mostra quais são os caminhos. Hoje não somos nós que estamos ensinando as pessoas mas elas é que estão nos ensinando. Essa história da gente dirigir o Brasil acabou...”⁴³

Por fim, temos que reconhecer a cautela e prudência de Fernando Gabeira ao escrever e publicar suas memórias. Tratava-se de um jornalista que passara quase dez anos exilado à beira da reabertura política e da anistia que estava prestes a detalhar várias ações mirabolantes e que habitavam o imaginário das pessoas, utilizando sua narrativa como forma de transição das idéias de uma geração que mudaram a história do Brasil.

⁴³ Entrevista de Fernando Gabeira a *O Pasquim*, nº 490, Rio de Janeiro, de 17 a 23/11/1978, p.18.

3. DE JOHN KENNEDY A CHE GUEVARA.

3.1 Os carbonários

No fim da década de 1940 chegavam ao Brasil, dois poloneses que buscavam refúgio da guerra e do comunismo que crescia em sua terra natal. Herman Sirkis aporta, em 1947, no Rio de Janeiro, vindo da pequena cidade polonesa de Lodz, aos 31 anos de idade e Liliana (Lila) chegava, em 1948, também à Capital Federal vinda da cidadela de Pinsk na Polônia, aos 25 anos de idade. Os dois se conhecem e casam, resultando dessa união o nascimento de Alfredo Hélio Sirkis, em 1950 na cidade do Rio de Janeiro.

Mesmo chegando ao Brasil em condições de refugiados políticos, os pais de Sirkis conseguem ter uma boa ascensão financeira estabelecendo-se como pequenos comerciantes, oferecendo um padrão de vida razoável ao filho único.

Alfredo conta que a relação de seu pai com o comunismo é conturbada, começando a se complicar quando aquele, após ter sido submetido à trabalhos forçados no *Exército do Trabalho* de Stalin no período em que a Polônia foi invadida pelos soviéticos em 1939, chegou a passar fome e estar à beira da morte devido a doenças e ao debilitado estado físico. Afirma que vem deste fato toda a revolta de seu pai contra as idéias comunistas. Quanto à sua mãe, afirma que viveu semelhante situação na Polônia quando teve o pai fuzilado pelo exército de Stalin sendo mandada para a Sibéria, voltou cinco anos depois à Polônia, decidindo emigrar para Brasil ao perceber que o anti-semitismo continuaria. Alfredo define a reação da mãe dizendo que “*o espírito aberto e equilibrado lhe permitiu assimilar de forma mais lúcida, os diferentes aspectos da dura experiência.*”⁴⁴

Após experimentarem dois sistemas totalitários de governo, Sirkis nos conta que eles adquirem “*o descrédito por todos os sistemas de poder e um humanismo cético e apolítico, mitigado de leves simpatias pela social-democracia sueca*”⁴⁵

Então, é compreensível esse humanismo cético e descrença pela política, principalmente se levarmos em conta a política de desmobilização ideológica tão presente no período pós-guerra, especialmente no governo Dutra (1945-1950), desta forma, seus pais refletem esse pensamento na educação formal do filho:

“*Depois de uma bem-cuidada infância no British School of Rio de Janeiro, no Anglo-Americano, e todo o ginásio no Andrews, caros*

⁴⁴ Sirkis (2008; p. 55)

⁴⁵ Sirkis (2008; p. 55)

*colégios particulares de Botafogo, de cursos na Aliança Francesa, na Cultura Inglesa e mais uns quantos professores particulares – não somos ricos, mas fazemos os sacrifícios necessários para te dar a formação que não pudemos ter, dizia ela (mãe) – aos 16 anos, por sugestão-para-o-meu-próprio-bem, fui medir-me com o temido exame de seleção do CAp.”*⁴⁶

CAp era o Colégio de Aplicação da Faculdade Nacional de Filosofia, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, da Universidade do Brasil, que recebia na época alunos dos extintos 1º ginásial ao 3º científico, correspondente hoje ao ensino fundamental 2 e ao ensino médio. “*Colégio de elite: filhos de gente bem, passados pela peneira de um exame de seleção, na época bastante rigoroso, para umas poucas dezenas de vagas cobiçadas por tantos pais zelosos.*”⁴⁷ Sirkis foi aprovado em segundo lugar no exame de seleção do CAp, em 1965, o que deixou seus pais bastante orgulhosos, feito que, segundo o autor, menos de um ano depois, viria a deixar o seu pai extremamente inconformado e arrependido de tê-lo posto a estudar naquele “maldito colégio” quando afirma que um “[...] *belo dia trocou, no quarto, o retrato de John Fitzgerald Kennedy pelo de Ernesto Che Guerava...*”⁴⁸

A particularidade expressada por Fernando Gabeira que tratamos no capítulo anterior, era o reflexo da diferença de uma década em relação aos seus companheiros de luta. Isto não ocorre com Sirkis que encontrava-se no esplendor de sua juventude. Apoiara o golpe militar no ano de 1964 como ocorreu com a maioria dos outros de sua geração, lacerdista, era um liberal-conservador, que como mostra no trecho anterior de suas memórias, enchia de orgulho seu pai ao estampar a parede de seu quarto com uma foto de John Kennedy. Aos 16 anos, tem seus primeiros contatos com as organizações clandestinas e com as idéias da esquerda brasileira.

Ainda referindo-se ao pai quando comenta do arrependimento que sentia por tê-lo deixado estudar no CAp, pois para ele, o colégio tinha sido o principal responsável pela conversão de seu “tão bem tratado filho” em “rebelde”:

“Por causa, até hoje acredita, daquele “maldito Colégio”, como diz,, é que o seu filho rebelde, mas no fundo bom menino e, em todo caso,

⁴⁶ Sirkis (2008; p. 44)

⁴⁷ Sirkis (2008; p. 43)

⁴⁸ Sirkis (2008; p. 45)

*sadiamente direitista, um belo dia trocou , no quarto, o retrato de John Fitzgerald Kennedy pelo de Ernesto Che Guevara...”*⁴⁹

E segue comentando sobre seus primeiros contatos com os membros da esquerda ainda no CAp:

[...] Eu não era propriamente da turminha. Novo no colégio, nem da esquerda era. Continuava a ser lacerdista.

[...] Depois que entrei no Cape conheci, pela primeira vez, os “terríveis esquerdistas”, fui nuançando os juízos.

*[...] Revoltado com o fechamento do nosso grêmio, com a censura ao nosso jornalzinho da escola e com a supressão dos jornais-murais, eu concordava também com os objetivos daquela passeata, convocada pela UME e pela AMES, contra as condições imundas e degradantes do Calabouço, o restaurante universitário, contra os acordos MEC-USAID e o pagamento de anuidades”.*⁵⁰

O autor começa suas memórias fazendo referências a seu ingresso no Colégio de Aplicação da UFRJ e tratando de fatos que ocorrem no fim de 1967 quando este participa de sua primeira passeata, citada acima, aonde viria a falecer o estudante Édson Luís. Desta forma, temos um homem narrando suas memórias do período de sua adolescência onde teve seus primeiros contatos com a esquerda brasileira através do movimento estudantil e que vai construindo assim suas percepções sobre os sujeitos sociais, verificando como os espaços e a política mudam com aquelas transformações – *alterações objetivas drásticas que se confundem com a subjetividade de alguém tão jovem*⁵¹. Essa construção se dá através da criação de uma personagem irreverente como podemos perceber no decorrer de seus escritos. É assim que Sirkis faz questão de mostrar-se na narrativa. Mas esta irreverência não é construída para tornarem os fatos motivo de riso.

Mario Augusto assim descreve brilhantemente a narrativa de Alfredo Sirkis em comparação a de Fernando Gabeira: “O narrador d’Os Carbonários, com procedimento semelhante ao de Gabeira, constrói justificativas para seus atos, demonstrando um duplo caráter de crítica – no momento em que as ações ocorrem e no momento em que as

⁴⁹ Sirkis (2008; p. 45)

⁵⁰ Sirkis (2008; p. 46-8)

⁵¹ SILVA, 2008.

ações são lembradas, no ato de alguém que narra uma situação muito posterior àquela vivida”⁵².

O que nos leva a retomar o questionamento feito anteriormente acerca das memórias de Gabeira: como se dava esse grau de auto-conhecimento? Será que essa autoconsciência estava presente naqueles jovens dos tempos de luta armada ou surge com uma reflexão posterior, feita pelos autores ao escreverem suas memórias vários anos depois?

Diferentemente do que acontece na narrativa de Gabeira, Alfredo Sirkis expõe o verdadeiro nome dos guerrilheiros, desmistificando a imagem criada para aqueles homens. Em vários momentos de sua narrativa, Sirkis fala de outros militantes clandestinos por seus nomes próprios, inclusive do contato que teve com Carlos Lamarca. Isto não ocorre no livro de Gabeira, ainda como afirmamos em capítulo anterior, ele procura ao máximo a neutralidade, buscando não expor a imagem de terceiros e isso se dá também no momento de identificar seus companheiros de luta armada, optando em usar o codinome de guerra daqueles. Gabeira restringe a si mesmo a observação de suas críticas.

É importante notarmos que o autor de *Os Carbonários*, inicialmente nos diz ser um lacerdista que dormia ouvindo as marchas militares em seu rádio de pilha e que ficava emocionado ao pensar que os militares estavam dando novos caminhos ao Brasil e que seriam a salvação nacional. Num segundo momento nos diz que ao entrar no CAP, participara de uma manifestação organizada pelo Comando Secundarista órgão de esquerda que era responsável pela mobilização de vários colégios da cidade do Rio de Janeiro. Ao mesmo tempo, o regime se fechava, as passeatas e manifestações explodiam, morria o estudante Édson Luís, Guevara era capturado e morto na Bolívia e o AI-5 chega no dia em que se formara no CAP, em 13/12/1968.

*“Permaneci em silêncio. Não grito palavras-de-ordem comunista, pensei. Eu até admirava a coragem do Che, que acabara de morrer, dias antes na Bolívia. Mas achava que isso GUE-VA-RA! era coisa de comunista e eu não era comunista.”*⁵³

Fazendo outra comparação entre o livro *O que é isso, companheiro?* de Fernando Gabeira e *Os Carbonários* de Alfredo Sirkis, temos aqui mais uma característica também presente nos escritos de Gabeira. O narrador vê-se dividido entre

⁵² SILVA, 2008.

⁵³ SIRKIS (2008, p. 51)

a direita e a esquerda. Podemos perceber uma oscilação, o narrador se vê como um traidor de sua classe, de sua educação e de suas idéias. Esta oscilação inicial entre as idéias de direita e da esquerda mostram uma dúvida que vai ficando clara em sua narrativa. O narrador não nos mostra se estava completamente convicto de sua opção revolucionária, como veremos a seguir:

“Mamãe me inscrevera em num curso de férias na Sorbonne e eu devia embarcar em fins de dezembro. Eu queria ir[...] Um mês de férias e a descoberta de Paris, pós-maio 68, era uma boa[...] nas reuniões de crítica e auto-crítica, presididas por Ernesto, procurávamos exorcizar os nossos ranços pequeno-burgueses e nos imbuir da ideologia revolucionária do proletariado [...] No entanto, a maioria [das reuniões] se assemelhava sobremaneira às práticas religiosas de certos conventos de frades, na sua busca de seu meã culpa, da expiação da origem impura, do pecado original de ser pequeno-burguês...

*Começou o ano letivo de 69 e eis o garotão zona sul, vestindo as roupas mais feias, cortando o cabelo curtinho, tacando brilhantina e tomando, todos os dias, dois ônibus pros subúrbios da Leopoldina.”*⁵⁴

Alfredo Sirkis, em entrevista concedida à Mário Augusto justifica sua “traição de classe”:

*“Então, é claro que naquele momento, dentro de um raciocínio muito mecanicista, eu como pequeno-burguês, achava que estava de certa forma e sadiamente traindo a minha classe e optando pela classe proletária. A única dificuldade é que na verdade a resistência à ditadura militar no Brasil foi um ato profundamente identificado com a classe média brasileira naquele tempo e salvo pequeníssimos bolsões, como os operários de Contagem e Osasco, a classe operária foi completamente indiferente à nossa luta. A classe trabalhadora não estava nem aí pra resistência armada contra a ditadura.”*⁵⁵

⁵⁴ SIRKIS, 1980: 105-7 in SILVA, Mário Augusto Medeiros da. *Os escritores da guerrilha urbana – literatura de testemunho, ambivalência e transição política (1977/1984)*. São Paulo: Annablume, Fapesp, 2008, p. 88.

⁵⁵ Entrevista concedida em 28/04/2005 in SILVA, Mário Augusto Medeiros da. *Os escritores da guerrilha urbana – literatura de testemunho, ambivalência e transição política (1977/1984)*. São Paulo: Annablume, Fapesp, 2008, p. 89.

Mesmo assim, em meio a tantas dúvidas, o autor opta pelo proletariado e em 1970, entra em uma organização de esquerda onde estavam seus amigos do tempo de CAP, entre eles Carlos Minc e Franklin Martins, a VPR (Vanguarda Popular Revolucionária). Deste momento em diante, seus escritos nos narram sucessivas fugas da polícia, uma vida de clandestinidade perigosa e o surgimento cada vez mais latente de uma crítica pessoal, uma auto-análise que seriam mediados por sessões de análise de inspiração kleiniana que foram pagas com fundos fornecidos pelos pais.

Sirkis, diferentemente de Gabeira, faz referência de contato com seus pais, apesar de não ter filhos e não ter irmãos, o autor tem como única família seus pais e faz diversas referências ao seu convívio principalmente com a mãe. Ainda nos diz que durante seu período de clandestinidade recebeu ajuda financeira da família que apesar do difícil contato, conseguia ter uma aproximação. À medida que o cerco da ditadura aos revolucionários ia se fechando, o contato COI ficando cada vez mais complicado. Mesmo assim, Sirkis ainda tem um analista pago pela família.

Fica claro que o narrador, mesmo tendo esta postura duvidosa quanto à traição de uma classe, mantém sua obstinação em relação à luta e à seus ideais revolucionários. Vê seus companheiros serem assassinados ou presos um por um, restando poucos até o momento em que resolve deixar o país. Na construção da sua narrativa memorialística percebemos o desespero e a agonia que vive o narrador e seus companheiros de luta resultando em paranóia, a tentativa de mobilizar e sensibilizar o povo ao assaltar um supermercado e distribuir os alimentos em uma favela da cidade do Rio de Janeiro além da dúvida constante em toda a narração, se estaria ele vivo para acompanhar o próximo réveillon.

Mas é ao seqüestro dos embaixadores da Alemanha e da Suíça que Sirkis e dedica importante e detalhado espaço em suas memórias. Fato este considerado importantíssimo por se tratar de um sujeito ativo nos acontecimentos, uma testemunha ocular dos fatos que participou diretamente do seqüestro e do cativo dos embaixadores.

Alfredo Sirkis esteve envolvido no seqüestro do embaixador alemão Ehrenfried von Holleben, em 1970 e do embaixador suíço Giovanni Enrico Bucher em 1971.

Como condição para a libertação dos embaixadores seqüestrados, foi pedido a libertação e exílio de vários presos políticos. Em troca do embaixador alemão, Holleben, 40 presos foram enviados ao exílio na Argélia. Do embaixador da Suíça,

Bucher, 70 presos, foram soltos e enviados para o Chile após os 40 dias de cárcere do diplomata.

Na narrativa de Sirkis, diferentemente do que acontece nos escritos de Gabeira, não há preocupação em chamar atenção para os capítulos que tratam do seqüestro dos embaixadores.

É fato que em ambos os livros, os autores demonstram sua ansiedade e seus medos perante tão arriscada ação. Havia grande chance de eles serem presos ou mortos ao seqüestram os embaixadores, mas a dedicação à causa e o engajamento na luta superavam aquele nervosismo e medo que sentiam.

*“Hoje de qualquer maneira. A excitação e o medo misturam-se sob o meu nervosismo controlado. Pensava nos meus companheiros presos e me sentia cem por cento decidido.”*⁵⁶

Com este pensamento, Sirkis, deixa clara sua preocupação com aqueles seus companheiros de luta contra o regime. Sabia que tinha que fazer algo por aquelas pessoas, e mesmo não deixando claro em seus escritos, nos passa a impressão que chega a se imaginar na situação contrária e saber que gostaria que seus companheiros fizessem o mesmo por ele. Era uma questão de consciência de classe, tão disseminada pelos ideais socialistas.

Mas ao analisarmos as palavras de Sirkis, surgem algumas dúvidas:

Teria o narrador consciência de toda a situação envolvendo seus companheiros e até pessoas que faziam parte da luta e que ele nem conhecia? Havia essa preocupação com os outros, inclusive os estranhos? O narrador, por ser tão jovem àquela época teria tão aguçado senso crítico coletivo ou estava empolgado com a adrenalina e era influenciado e levado pela avidez de sua juventude?

Fazer parte de tão arriscadas operações demonstram uma grande determinação por parte daqueles que a executam. O autor se envolve em duas ações de seqüestro. Talvez o êxito obtido na primeira operação tendo como resultado a libertação de dezenas de presos tenha influenciado na opção de participar do segundo seqüestro. Apesar de não ser do grande escalão das organizações de esquerda, Sirkis teve um papel fundamental nos seqüestros ao servir de tradutor para os diálogos com os seqüestrados. É provável que ao conseguir sair ileso da primeira operação e conseguir a libertação de

⁵⁶ Sirkis (2008; p. 239)

todos aqueles companheiros de luta, obtendo o reconhecimento e admiração de várias pessoas influenciasse na decisão de participar da segunda operação.

No fim das contas, percebemos que o narrador preocupa-se em sobreviver e servir aos ideais da luta revolucionária e ao notar que vários de seus companheiros haviam morrido e que outros vários estavam presos e sendo torturados, o narrador começa a pensar em sua fuga enquanto participava do seqüestro do embaixador suíço.

*“Querida conhecer o mundo, viajar por aí. Mas não vou. Breve, o apagar da vida, como de uma lâmpada. No meio de uma balaceira, ou pior, numa sala de tortura, totalmente na mão deles. Ou na melhor das hipóteses, depois de tudo, passar uma vida presa, enjaulado, feito uma fera. Porque perdemos. E se eu não agüentar o pau? [...] Honestamente, não posso garantir que seja capaz de agüentar tudo. Não sei. Tenho dívidas. Os grandes ferrabrases ideológicos os que sempre mais abriam. Ninguém resiste à tortura por “nível ideológico”, “fé no marxismo-leninismo” ou “no proletariado” [...] Fé na revolução, na redenção dos explorados e oprimidos, numa vida melhor pro povo, num Brasil mais humano e mais justo, eu tenho. Não tenho mais é na esquerda armada, na guerrilha urbana, na VPR, no confronto solitário com o poder. [...] Não acredito mais nos carbonários [...] Querida viver, tinha decidido e não havia mais dívidas.”*⁵⁷

E é após esse “medo” e essa desilusão com a luta armada que o narrador deixa a VPR saindo do Brasil, ficando apenas como um apoiador no exílio. Depois de longo período sem comunicação com seus pais, Sirkis retoma contato e, mediante suborno pago por estes, aos órgãos que queriam esclarecimento sobre sua participação no Movimento Estudantil de 1968, sai do Brasil legalmente, aterrissando no Chile, após uma rápida passagem pela Argentina, em 1971.

Uma característica presente e que deve ser questionada é o fato do narrador ser muito jovem, mas mesmo assim, ser munido de um grande senso crítico em sua narrativa. Sirkis tinha entre 15 e 21 anos no período narrado em suas memórias mas constrói sua narrativa uma década depois dos fatos acontecerem. Temos que questionar

⁵⁷ SIRKIS, 2008.

o quê e por quê foi lembrado, bem como omitido, com qual sentido e valor para um outro presente e futuro

Ainda se pensarmos porque Sirkis resolve escrever e publicar suas memórias, o autor no diz em prefácio que já havia contado muitas vezes aquelas histórias e sentiu que chegara o momento de escrever tudo aquilo, colocar tudo para fora.

O autor ainda não havia sido influenciado pelo sucesso editorial que obteve Fernando Gabeira. Quando resolve começar a escrever suas memórias, *O que é isso, companheiro?* ainda não havia sido lançado.

Naquela época, o autor passava por uma transição política, no exílio esteve em contato com outras idéias e buscava a carreira de escritor como veremos à seguir. Une a isto a busca pela necessidade de justificar seus atos, objetivando conformar as experiências do passado como justificativa para as opções do presente.

O autor constrói sua narrativa de maneira linear e de fácil leitura Talvez esta fórmula tenha tornado seu livro num grande sucesso de vendas recebendo várias edições e servindo de inspiração para uma minissérie de televisão na década de 1990.

3.1 Quarenta anos depois...

Na publicação da edição de 2008 do livro “*Os Carbonários*”, foram incluídos o prefácio à edição original de 1980, o prefácio à edição de 1998, além do posfácio à edição de 2008 que fora publicado em versão de bolso.

No prefácio à edição original, Fernando Sirkis faz referencias basicamente ao sentimento de estar de volta ao Brasil, nove anos após sua saída ao exílio, do reencontro com os amigos e a família, o sentimento de rever o palco de sua luta anos atrás contra um regime ditatorial. Já nos prefácios feitos às versões seguintes, ele fala de sua perspectiva do golpe com uma visão diferente do indivíduo que pegou em armas para fazer uma revolução.

Ele se vê totalmente diferente daquele jovem que em meio à opressão dos militares deixa de ser um indivíduo de centro direita, lacerdista com uma imagem de Kennedy presa à parede de seu quarto e passa a ser um carbonário, de esquerda, inspirado nas idéias socialista e que tem a imagem de *Che* Guevara em substituição a anterior.

Sirkis também fala de sua visão atual e de seus pensamentos referentes ao tempo de guerrilha urbana em entrevista concedida a Américo Freire, pesquisador do CPDOC

em 2004 que foi publicada no livro “*Novas Memórias do Urbanismo Carioca*”⁵⁸ e em entrevista a Mario Augusto Resende, pesquisador da UNICAMP em 2005 e disponível no site do próprio Alfredo Sirkis⁵⁹.

Já em prefácio da primeira versão de “*Os Carbonários*”, Sirkis já admite que voltara ao Brasil com um sentimento diferente do que havia quando partira rumo ao exílio.

*“Pois é. Voltei nove anos depois num dia de sol. Rio 40 graus. Sem ódio e sem medo, sem ilusões mas sem desesperança. Procuo casa e emprego, espero minha namorada voltar da Europa, aprendi a gostar de São Paulo, acho que o Rio de Janeiro continua lindo, apesar dos espigões, tenho ido à praia e, para início de conversa, quero ser apenas um contador de histórias.”*⁶⁰

Com estas frases fica clara uma visão bastante diferente da que tinha quando saíra do Brasil. Fala que já não tem mais “*ódio*” nem “*medo*”, que já pode andar pelas ruas como cidadão normal e seguir sua vida dentro da lei, voltar à sociedade. Mais ainda, afirma não ter mais ilusões e continuar esperançoso, ou seja, nesta passagem nos dá idéia de que lutara por um sonho, que tivera a ilusão de uma revolução possível. Por esta passagem, nos deixa perceber que ao escrever o prefácio à edição original o autor já admite que sua luta não passara de uma ilusão. Nove anos depois que deixa o Brasil, já há uma concepção diferente daquelas do tempo de guerra. Por fim, se propõe apenas a ser narrador de suas histórias, não quer tomar para si todos os méritos por tão arriscadas manobras, afinal de contas, haviam vários outros envolvidos. Há um cuidado nesse sentido por parte do autor, não quer chamar apenas para si a responsabilidade pelos seqüestros.

Referindo-se ao livro de Fernando Gabeira, “*O que é isso, companheiro?*”, na entrevista concedida a Mario Augusto Resende, Sirkis diz que alguns envolvidos no seqüestro do embaixador americano Elbrick, que Gabeira participou, ficaram chateados por aquele ter levado o “*crédito*” pelas façanhas.

⁵⁸ Oliveira, Lúcia Pippi & Freire, Américo. *Novas Memórias do Urbanismo Carioca*. Fundação Getúlio Vargas, 2008. Também disponível na internet, <http://www2.sirkis.com.br/noticia.kmf?noticia=7502022&canal=262> Acesso em: 25 de Junho de 2010

⁵⁹ Available from Word Wide Web <http://www2.sirkis.com.br/noticia.kmf?noticia=3773928&canal=258&total=62&indice=60> Acesso em: 25 de Junho de 2010

⁶⁰ Sirkis (2008; p. 36)

“[...] há... um certo incômodo por parte daqueles que se acham muito mais importantes na guerrilha do que o Gabeira, mas foi ele que contou a história e ficou com a notoriedade, ficou como referência daquele geração com idéias que não correspondem às deles. No meu caso não me associei a nenhum choque comportamental ...dentro do próprio prefácio dos Carbonários eu digo que “prá início de conversa eu quero ser apenas um contador de estórias” ... meu objetivo ali era só contar uma estória bem contada...”⁶¹

Em 1998 Sirkis faz total referencia ao seu passado, aos seus anos de guerrilheiro e as idéias que tinha à época. Ao prefaciando naquele ano a mais uma edição de suas memórias o autor demonstra como se vê no passado.

“Quando escrevia o livro, em Lisboa, Paris, Foz do Arelho, nos últimos meses dos nove anos de exílio e depois, de volta ao Rio, com a anistia, as cores, os cheiros e sentimentos eram muito presentes, candentes. Rever os locais onde os fatos ocorreram - o “aparelho” da rua Tacaratu, o Colégio da Aplicação, a avenida Rio Branco – me despertava intensas emoções. Hoje, 68 e os anos de chumbo que a ele sucederam são como cenas de um filme antigo, histórias desbotadas, quase implausíveis, conquanto deveras acontecidos àquela outra pessoa que fui.”⁶²

Sirkis nos conta que não é mais aquela pessoa, que mudou sua vida, suas idéias e concepções. Quando escrevera suas memórias no exílio ainda estava envolvido com sua luta, suas emoções ainda estavam presentes. Era um passado próximo e sua volta ao Brasil reviveu aquelas lembranças, esquentou suas emoções e ainda se identifica com seu estilo de vida de anos atrás. Mas já afirma que não mais lembra com frequência de suas aventuras, fugas às balas e esconderijos.

“Sinto-me a muitos anos-luz do guerrilheiro Felipe com seus 19 anos e sua intrincada mescla de revolta e pulsão de ser herói, viver

⁶¹ Available from Word Wide Web

<http://www2.sirkis.com.br/noticia.kmf?noticia=3773928&canal=258&total=62&indice=60> Acesso em: 25 de Junho de 2010

⁶² Sirkis (2008; p. 9)

*a aventura de nossa geração, que depois, como disse Alex Polari, se cortou com cacôs de sonho.”*⁶³

Segue afirmando o seu distanciamento em relação àquele passado, aos seus anos de luta, muito mais impulsionado por sua juventude e inexperiência na vontade de viver aquelas situações, por pertencer a uma geração de jovens que queria mudar o mundo. Na década de 1960 a revolta dos jovens aflora em vários países pelo mundo, alavancado pelo movimento hippie, feminismo e a guerra dos Estados Unidos da América no Vietnã. A juventude brasileira recebe toda aquela onda de sentimentos e idéias que tem influência direta no movimento de resistência ao regime ditatorial civil-militar no Brasil.

*“QUE COISA SURREALISTA essa de descobrir na leitura de Eric Hobsbawm que nós, os irrequietos baby boomers, nos revoltamos, por vezes de armas na mão, contra o que nos parecia uma insuportável repressão capitalista, quando era, precisamente, o auge dos “trinta anos gloriosos”, o ápice do Estado do Bem-Estar com a Great Society de Lyndon Johnson, nos EUA, da Quinta República de Charles de Gaulle, na França, do trabalhismo de Harold Wilson, na Inglaterra, e da social-democracia de Willy Brandt, na Alemanha. É bem verdade que esse Estado de assistência, bem-estar e democracia, com sua benesses, limitava-se essencialmente ao norte do planeta. Aqui, no sul, o buraco era mais em baixo, e a arrogância imperial que promovia a guerra do Vietnã nos tratava, povos ao sul do Rio Grande, como um quintal a ser tocado com mão de ferro por capatazes fardados. Isso sem dívida ajudou a escamotear, entre nós, aquele momento da vida dos povos do hemisfério norte, quando eram felizes e não sabiam.”*⁶⁴

Mesmo vendo seus atos do passado de forma diferente, Sirkis deixa clara a sua posição e motivação que os levou a pegar em armas. Havia um sentimento de revolta. Não aceitavam como as potências do hemisfério norte do globo tratava os países subdesenvolvidos e a América Latina.

⁶³ Sirkis (2008; p. 9)

⁶⁴ Sirkis (2008; p. 10)

*“Já lá se vão quarenta daquele ano rebelde de 1968, já são 28 anos da publicação da primeira edição. O tempo voa implacável. Francamente, quando me lembro dos “anos de chumbo” parece-me uma outra vida, outra encarnação.”*⁶⁵

Ao pensar atualmente em seus atos dos anos de carbonário, Sirkis nos diz que não tem orgulho do guerrilheiro que foi, mas ao mesmo tempo diz que não tem vergonha. Cabe-nos entender a situação política e histórica onde estavam inseridos aqueles sujeitos, aqueles jovens. Em prefácio a edição de 1998 de suas memórias Alfredo já deixava clara sua posição.

*“Quando os jornalistas, pela milésima vez, fazem aquela pergunta, retruco-lhes o que virou uma frase feita, mas não deixa de conter a minha verdade: de tudo aquilo não me orgulho nem me envergonho.”*⁶⁶

Em posfácio à edição de 2008 de *“Os Carbonários”* ainda mostra a mesma concepção de seus anos “rebeldes”:

*“Como manifestei, há dez anos, não me orgulho nem me envergonho de tudo aquilo. Não é um assunto que especialmente me interesse nos dias atuais.”*⁶⁷

Diferentemente de Sirkis, alguns dos seus companheiros de resistência ao regime ditatorial não mudaram muito, exceto fisicamente, e guardam aqueles anos em suas memórias, fazendo referência a eles com frequência, tendo-lhes especial fascínio, vangloriam-se das ações armadas e alimentam as mesmas idéias que tinham à época. Outros pelo contrário, preferem não comentar o passado guerrilheiro, preferem esquecer aqueles anos e até se envergonham.

É interessante notar como o autor vê a filosofia socialista nos dias atuais. Para ele, comparáveis a *“dogmas semi-religiosos”*, considerava-se bitolado a uma concepção de mundo que mostrou-se impossível. A disciplina, as seções de auto-crítica, o radicalismo e a devoção cega aos ensinamentos de uma doutrina.

⁶⁵ Sirkis (2008; p. 467)

⁶⁶ Sirkis (2008; p. 9-10)

⁶⁷ Sirkis (2008; p. 467)

*“[...] Alguns de nós pouco mudaram, a não ser fisicamente, é claro. Orgulham-se. Para eles a referência aos anos rebeldes continua o feito primordial de suas vidas. Outros, pelo contrário, se envergonharam. Preferem que se esqueça de que alguma vez fizeram parte daquele turbilhão libertário em revolta contra o regime ditatorial, mas, não sem ambigüidade, teorizando a ditadura do proletariado. Constrangem-se em recordar de terem alguma vez acreditado, piamente, naqueles dogmas semi-religiosos de uma concepção de mundo que desmoronou com o muro de Berlim, e da qual restam apenas alguns bastiões residuais.”*⁶⁸

Outro fator que se mostra interessante é o lado da visão que a sociedade tem atualmente dos guerrilheiros do período ditatorial militar brasileiro. Se na época em que o regime foi instaurado, grande parte da mídia e da própria sociedade criticava os membros da esquerda nacional, este fato mostra-se diferente hoje em dia. O sucesso de filmes e livros mostra que há grande interesse pelo tema. Naturalmente, a fórmula de escrita romanceada que foi usada para contar a maior parte das histórias daqueles personagens teve grande influência na boa recepção do público. Quando registra as memórias o indivíduo busca um objetivo. No caso daqueles que participaram ativamente da resistência armada ao regime militar, há uma predominância em dar uma visão muito mais romântica as lutas e aventuras. Existe uma diferença entre o momento em que a História é feita e outro quando ela é escrita. Ao viveram aqueles momentos de grande tensão e turbulentas situações de confronto com o governo, os envolvidos agiam, procuravam de qualquer forma atingir seus fins. Vivia-se o momento de forma desordenada, seguindo-se o ritmo da situação que cada dia era imposto a aqueles cidadãos clandestinos. A incerteza no rumo da causa revolucionária, da própria vida e dos companheiros não deixa aqueles homens e mulheres pensarem em suas ações como grandes aventuras. Lutava-se pela sobrevivência a cada dia. Sirkis faz um comentário sobre o assunto:

“[...] História acontece duas vezes, uma vez quando acontece mesmo... e aí é uma coisa fulminante, um suceder de... momentos

⁶⁸ Sirkis (2008; p. 10)

presentes completamente caóticos e desconexos, uma história cheia de ruído e fúria, significando nada, como dizia o Shakespeare... Depois, o segundo momento da História é quando ela é escrita... Então... na primeira, que fomos fragorosamente derrotados... na segunda a gente ganhou! Ao contrário do que aconteceu em outros países da América Latina, a nossa narrativa acabou sendo socialmente predominante, sobre a narrativa dos militares. Prevaleceu a nossa...”⁶⁹

Ainda chama a atenção para o fato de no Brasil haver uma postura diferente da sociedade. *“Ao contrário do que aconteceu em outros países da América Latina, a nossa narrativa acabou sendo socialmente predominante. [...] Prevaleceu a nossa...”* Sirkis parece consolar-se com este fato. Acredita também que a boa recepção deva-se a forma de escrita usada por ele e por Fernando Gabeira. Para Sirkis, ao escreverem de forma mais realística e sem arrogância, humanizando os guerrilheiros e mostrando seus medos e dúvidas, tornaram o público receptivo à memória escrita dos que faziam parte da esquerda.

“Prevaleceu a nossa narrativa, que é um consolo. Mas, por outro lado, isso se deve, modéstia à parte, ao tom e à abordagem, ao foco, que o Gabeira e depois, eu, adotamos nos nossos livros. Porque se o primeiro livro que tivesse saído, tivesse sido um livro absolutamente de: “Vejam como fomos... heróicos!” ” Como fomos... fantásticos!”, “Como sempre estivéramos certos!” etc. etc. ... acho que não seria um sucesso.”⁷⁰

Em um ponto, Sirkis se contradiz, ao afirmar que mesmo lutando pela ditadura do proletariado fez uma resistência democrática. Ao lutar pela consolidação de uma ditadura revolucionária não há espaço para democracia. Havia sim, pela proposta ideológica da esquerda uma resistência a um governo ditatorial por outro. A queda de uma ditadura pela implantação de outra.

⁶⁹ Disponível em Word Wide Web

<http://www2.sirkis.com.br/noticia.kmf?noticia=3773928&canal=258&total=62&indice=60> Acesso em: 25 de Junho de 2010

⁷⁰ Disponível em Word Wide Web

<http://www2.sirkis.com.br/noticia.kmf?noticia=3773928&canal=258&total=62&indice=60> Acesso em: 25 de Junho de 2010

*“[...] se nós tivéssemos atuado contra um governo democraticamente eleito, aqui no Brasil, acho que a imagem seria bem pior.... Porque... a gente pode pretender que apesar da nossa proposta ideológica, na época ser a da ditadura do proletariado, de uma ditadura revolucionária, não resta dúvida, que tenha sido uma resistência democrática.”*⁷¹

No fim das contas, Sirkis considera que no Brasil, tanto a esquerda quando a direita saíram derrotados. Cada um com seus sonhos e ilusões. Ambos perderam quando se faz um balanço. Havia uma insensatez entre os militares e entre os socialistas.

*“Junto com os militares, nossos inimigos de então, compartilhamos, na chamada guerra fria, uma dessas ilusões da história que poderiam ser inventariadas na Marcha da Insensatez de Barbara Tuckman. [...] Para nós, além da derrota física, o posterior desmoronamento do sonho socialista. Para eles a frustração do Brasil Potência, do Brasil Grande, ninguém-segura, ame-o-ou-deixe-o, reduzido a essa mediocre subalternidade ao sabor dos ventos globalizantes.”*⁷²

Sirkis reflete sobre o seu passado e sente-se com sorte. Vê-se no exílio, com as notícias e lembranças de tantos companheiros mortos e torturados, com o gosto da derrota e o ódio de seus inimigos, mas com o alívio de estar vivo.

*“Nos anos de chumbo tive a triplice felicidade de sobreviver, não ter sido capturado e seviciado e não ter matado ninguém.”*⁷³

Em fim, Sirkis afirma ter um pensamento totalmente diferente, suas idéias e filosofia de vida são totalmente incompatíveis com as do guerrilheiro Felipe. Não tem vergonha de quem foi, não se orgulha e hoje preocupa-se mais com as questões da luta ambiental. Político em uma democracia que considera “altamente imperfeita, mas

⁷¹ Disponível em Word Wide Web
<http://www2.sirkis.com.br/noticia.kmf?noticia=3773928&canal=258&total=62&indice=60> Acesso em: 25 de Junho de 2010

⁷² Sirkis (2008; p. 10)

⁷³ Sirkis (2008; p. 11)

real”⁷⁴. Lembra de seus anos de luta armada com distancia, como quem olha para um passado através de fotos amareladas e muito desgastadas. Preocupa-se com o radicalismo da esquerda ainda hoje, com o bitolamento de alguns. Considera que aquela juventude a que pertenceu vivera um sonho compreensível. O mundo era outro, as pessoas pensavam diferentes e as circunstâncias literalmente propícias. Diz que a principal contribuição de suas memórias para a sociedade é a de mostrar os malefícios de um regime opressor e ditatorial, pois espera que no Brasil jamais haja momentos como aqueles em sua história.

*“Apesar dos anos que passaram e do quadro político totalmente diferente, não se pode esquecer tudo quanto sucedeu na rua Barão de Mesquita, na rua Tutóia, na Base Aérea do Galeão, no DOPS de São Paulo ou na “casa da morte” em Petrópolis. As gerações futuras devem conhecê-lo, pois isso poderá, eventualmente, contribuir para evitar novos surtos autoritários numa história humana que não é linear, mas se move em ciclos.”*⁷⁵

⁷⁴ Sirkis (2008; p. 11)

⁷⁵ Sirkis (2008; p. 16-17)

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Na década de 1960 o Brasil entra em um processo agudo de reorganização político-social a partir, principalmente, do golpe de 1964. Os militares, com o apoio da direita civil, da classe média e da Igreja, depõe o então presidente João Goulart e assumem o poder. A esquerda nacional passa então a se rearticular e organizar-se para uma contra-ofensiva. Como medida de contenção, os militares fecham progressivamente o regime culminando com a promulgação do Ato Institucional nº 5 no ano de 1968. Perseguição e caça aos “comunistas” tornaram-se corriqueiras durante aqueles anos. Os militantes das organizações clandestinas de esquerda continuavam a oposição à ditadura chegando a pegar em armas para lutar contra o governo ditatorial, usando a guerrilha como meio de luta. O combate aos opositores tornava-se cada vez violento e o governo não se cansaria de usar a tortura contra os “comunas” capturados.

Fernando Gabeira e Alfredo Sirkis participaram ativamente dessa luta engajando-se na causa socialista e lutando em organizações clandestinas contra o regime, participando diretamente do seqüestro do embaixador americano (Gabeira) e dos embaixadores da Alemanha e Suíça (Sirkis), deixando o Brasil em seguida rumo ao exílio.

Uma década depois da saída de ambos para o exílio, Gabeira e Sirkis publicam suas memórias sobre o período de militância política, sobre o confronto com o regime e a vida na clandestinidade. Ao analisarmos esses livros de memórias, podemos perceber um processo de construção em seus escritos tanto de uma imagem deste período histórico, como de si mesmos, em duas temporalidades distintas, o passado e o presente. Ambos produzem textos memorialísticos onde escrevem a si mesmos, medindo a distância que separava o autor da narrativa do guerrilheiro que ficara no passado.

Gabeira aparece em suas memórias como um narrador dividido entre sua vida de “homem de família” com carreira profissional bem consolidada e observância de uma moral burguesa impecável e a vida clandestina de um guerrilheiro, brigando por seus ideais na luta armada ao lado de militantes mais jovens, mas assim, tornando-se senhor de sua liberdade. Encontramos nesta divisão, nesta cisão de seu personagem, características de influências existencialistas no escritos de Gabeira. Ele produz sua narrativa de forma fragmentada, mas de maneira linear como se escolhesse exatamente o que quer lembrar e o que opta por deixar de fora de sua narrativa. Exclui de seus

escritos uma perspectiva crítica sobre aqueles que lutaram ao seu lado, restringindo-se a si próprio como objeto de estudo de sua consciência.

Sendo assim, Fernando Gabeira constrói como um narrador calmo, que se preocupa em não expressar suas emoções, tangenciando-as para o bom humor. Exclui quase totalmente a sua família de seus escritos e da mesma forma que poupa seus familiares de sua narrativa, não faz críticas aos seus companheiros de luta, preocupando-se intensamente em manter-se neutro adotando uma postura de “camaradagem” em suas memórias. Talvez por uma questão editorial, Gabeira tenha escolhido a neutralidade preocupando-se em não apresentar-se de forma prepotente e assim agradar mais o público ou talvez para não dificultar sua relação com antigos militantes e até mesmo com aqueles que não têm contato direto que poderiam sentir-se ofendidos com as críticas.

Alfredo Sirkis adota uma postura semelhante à de Gabeira. Sirkis contrói uma imagem de si oscilante entre a opção de continuar com sua vida de pequeno-burguês ou debandar-se para a luta da esquerda, defendendo as idéias socialistas entrando de vez na clandestinidade. Teria vivido essa dúvida como uma espécie de traição à sua classe social e à sua formação de direita. Constrói sua narrativa de forma linear onde descreve mais detalhadamente sua trajetória desde seu ingresso no CAP até o sua saída do Brasil para o exílio. Sirkis também mantém uma postura neutra em relação a críticas aos companheiros que fizeram parte da luta armada durante o período tratado em suas memórias. Faz referência a contatos com a família, sendo esta responsável por financiar sua saída do Brasil.

De maneira geral, Sirkis e Gabeira apresentam-se como meros contadores de história, sem adentrarem numa análise crítica mais profunda optando pela neutralidade e fugindo de um possível conflito com os que fizeram parte da luta armada no Brasil durante o regime ditatorial civil-militar brasileiro instaurado à partir de 1964.

Desta forma não é possível fazermos uma análise mais detalhada de relação dos narradores com os militantes citados em suas próprias memórias e devendo-nos ficar a pergunta: Porque os autores se restringem apenas a narrar suas experiências? Porque guardam apenas para si uma análise crítica?

De fato, Gabeira e Sirkis atualmente adotam posturas totalmente diferentes das que possuíam durante o período narrado em suas memórias. Hoje ambos fazem parte do Partido Verde e preocupam-se principalmente com questões ambientais. Há sem dúvida uma desilusão com o ideal socialista e atualmente ambos se vêem muito distantes dos

guerrilheiros que foram, preferem acreditar que suas experiências de luta armada fazem parte do passado e que foram influenciadas principalmente por aquela juventude que tentou mudar o mundo.

BIBLIOGRAFIA:

LE GOFF, Jacques, 1924; **História e Memória**; 3ª Edição; Campinas, SP: Editora da UNICAMP; 1994.

Escrita de si, escrita da História / (Org.) GOMES, Angela de Castro; Rio de Janeiro; Editora FGV, 2004

CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo; **Domínios da história**: ensaios de teoria e metodologia; Rio de Janeiro; Campus, 1997.

GORENDER, Jacob; **Combate nas Trevas - A Esquerda Brasileira**: das ilusões perdidas a luta armada; Editora Ática; 1981.

SYRKIS, Alfredo; **Os Carbonários**. Rio de Janeiro; BestBolso, 2008.

GABEIRA, Fernando; **O que é isso, companheiro?** Rio de Janeiro, Codecri. 24ª Ed., 1979.

ARQUIDIOCESE DE SÃO PAULO; **Brasil nunca mais**; 11ª ed. Petrópolis: Vozes; 1985.

FREIRE, Alípio; ALMADA, Izaías; PONCE, J. A. de Granville (orgs.). **Tiradentes: um presídio da ditadura**: memórias de presos políticos - - São Paulo: Scipione , 1997.

BURKE, Peter(org.).**A escrita da História**. Trad. Magda Lopes. São Paulo: UNESP.,1992.

FÉLIX, Loiva Otero. **História & Memória** : a problemática da pesquisa. Passo Fundo : EDIUPF,1998.

CARDOSO, Ciro Flamarion, BRIGNOLI, Héctor Pérez.1990. **Os métodos da História**. .ed. Rio de Janeiro: Graal.

CAMARGO, Aspásia; GÓES, Walder de. **Meio Século de Combate**: Diálogo com Cordeiro de Farias; Rio de Janeiro; Ed. Nova Fronteira, 1981.

SILVA, Mário Augusto Medeiros da. **Os escritores da guerrilha urbana** – literatura de testemunho, ambivalência e transição política (1977/1984). São Paulo: Annablume, Fapesp, 2008.

HOLLANDA, Heloísa Buarque & PEREIRA, Carlos Alberto Messeder. **Literatura comentada: Poesia jovem anos 70**. São Paulo: Abril Educação, 1982

PEREIRA, Carlos Alberto Messeder e HOLLANDA, Heloísa Buarque de. **Patrulhas ideológicas**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1980.

PEREIRA, Carlos Alberto Messeder. **Retrato de época (Poesia marginal anos 70)**. Rio de Janeiro: Editora MEC/Funarte, 1981.